



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

FERNANDO SOUSA DUARTE

JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR: OS BONDES

Salvador
2010

FERNANDO SOUSA DUARTE

JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR: OS BONDES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial da
graduação de Comunicação Social –
Habilitação em Jornalismo – da
Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Lucineide
Andrade Fontes (Malu Fontes)

Salvador
2010

RESUMO

Este trabalho tenta apresentar um fenômeno da juventude urbana contemporânea que se autodenomina bonde ou família e envolve jovens de 14 a 24 anos com origem nas periferias dos grandes centros urbanos e, no caso específico dessa monografia, da cidade de Salvador. Esses novos agrupamentos sociais juvenis nascem através de ferramentas de comunicação disponíveis na internet, como sites de redes sociais e programas de comunicação instantânea, e deslocam-se das zonas periféricas das cidades para os shopping centers, espaços público-privados que concentram os desejos de consumo de grande parte da população e que funcionam como limites entre as classes e entre espaços de sociabilidade dos diversos estratos sociais. “A periferia no shopping: internet e deslocamentos juvenis urbanos” busca apresentar e entender um pouco sobre conceitos de sociologia, por Bauman, de tribos urbanas, por Maffesoli, de adolescência, por Calligaris, além das noções de deslocamento no espaço urbano de grupos da periferia encontradas através da pesquisa empírica do autor.

Palavras-chave: juventude, periferia, internet, deslocamento urbano, sociabilidade juvenil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2.1 CAPÍTULO 1 - COMPORTAMENTO JOVEM: ESTIGMAS, CATEGORIZAÇÕES E FRAGMENTAÇÕES	08
2.2 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO JOVEM	10
2.3 JUVENTUDE BRASILEIRA, PERIFERIA E VIOLÊNCIA	18
3.1 CAPÍTULO 2 - PAPÉIS E REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA	21
3.2 A CONFIGURAÇÃO DA SOCIABILIDADE NAS REDES SOCIAIS	25
3.3 SOCIABILIDADE E FRONTEIRAS DE CIRCULAÇÃO	27
3.4 GALERAS, GANGUES, EQUIPES E BONDES	31
3.5 INTERNET E AMPLIAÇÕES DOS DESLOCAMENTOS NO ESPAÇO URBANO	34
4. CAPÍTULO TRÊS - JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR: OS BONDES	40
5. CONCLUSÃO	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo busca apresentar um fenômeno social urbano recente da juventude, autodenominado como bondes juvenis. Trata-se do agrupamento de jovens entre 14 e 24 anos em “bondes” ou “famílias” que tensiona as fronteiras de sociabilidade e amplia o espaço de convivência, utilizando a internet como suporte para a formação de vínculos. Esses grupos se apropriam da nomenclatura do *funk* carioca para indicar sua identidade e compartilham, além de interesses comuns, hábitos de vestir e falar, que garantem a unidade – mesmo que disforme – desses agrupamentos¹. E, conforme limitações sócio-econômicas são impostas, esses jovens utilizam alternativas para interagir e exercer o papel social que lhes são conferidos pelo restante da população.

A atual geração de jovens é bem distinta daquela geração de 1968, com alto grau de politização enquanto produtores e consumidores de cultura. A juventude atual está inserida num contexto completamente diverso daquele vivenciado por seus pais e pelas gerações precedentes. Temas considerados tabus em outros momentos pela sociedade brasileira – e mundial – atualmente fazem parte da rotina de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Obviamente, é negativa a hipótese de que podemos classificar os jovens em categorizações estanques. Educadores observam que não há limites específicos ou ritos de passagem que possam identificar em que instante a criança passa a ser adolescente, que passa a ser jovem e depois atinge a idade adulta. Em alguns casos, percebem-se elementos da cultura jovem desde o final da infância, estendendo-se até muito tempo após alguns marcos para a maioridade, objeto de pesquisas da área de psicologia, os chamados *adultescentes*, ou no inglês *kidult*.²

É válido ressaltar que, mesmo que seja inviável delimitar uma faixa específica para classificação “jovem”, em estudos antropológicos e sociais é fundamental a identificação de quem são os personagens desses estudos. Em linhas gerais, tratam-se de pessoas que

¹ Apesar da apropriação de termos do *funk* carioca, os integrantes dos bondes optam pelos termos sem o conhecimento prévio ou reflexão sobre a etimologia das palavras. Para compreender o universo temático e conceitual do *funk* carioca, ver VIANNA, HERMANO (1997).

² “Para psicanalistas, são as chamadas crises da idade madura. (...) Serve para definir uma pessoa adulta que mantém um estilo de vida próprio de adolescente” (IWANCOW, 2009).

compartilham valores específicos, interesses comuns e que constroem movimentos culturais com características semelhantes entre si.

Assim, percebemos a importância da sociabilidade como elemento fundamental para construção identitária do jovem enquanto indivíduo e enquanto ser coletivo. Dividir locais públicos, participar de festas e movimentos religiosos, estudantis, etc. já não são o suficiente para uma juventude cercada por limites impostos pela sociedade ou com a ausência de limites estabelecidos pelas figuras parentais. Como estratégia para manutenção de elementos comuns, os jovens buscam então novas alternativas para socialização, principalmente utilizando os recursos tecnológicos disponíveis à geração.

O aumento da violência urbana e as incertezas e inseguranças de pais e educadores restringe potencialmente os locais em que tradicionalmente ocorrem encontros e eventos da juventude. Sem os espaços tradicionais, a internet passa a ser uma janela para o conhecimento e também para a sociabilidade. Arelado ainda ao surgimento de grandes redes sociais e à internet colaborativa, jovens de diferentes classes sócio-econômicas compartilham valores e informações acerca de gostos comuns como músicas, cinema, etc.

O limite da segregação social torna-se tênue com a “democratização” do acesso à rede mundial de computadores e o espaço virtual passa a ser apenas o início de um jogo de disputas e construções da identidade juvenil. A fronteira entre o virtual e o real é rompida e, em pouco tempo, percebemos a manifestação de agrupamentos juvenis surgidos na web em ambientes reais.

Parte desses grupos, como fãs-clubes, por exemplo, não apresentam características que poderiam ser consideradas desvios da norma social vigente. Entretanto, outros são claramente identificados com quebras de condutas e regras comportamentais, tornando-os objeto de repulsa para o restante da sociedade – fenômeno identificado desde os primeiros instantes em que a juventude passou a ser visualizada como uma categoria social, ainda no final do século XIX. Nesse contexto, poderíamos incluir as torcidas organizadas e, muito recentemente, o aparecimento de bondes ou famílias de jovens – o real objeto de estudo do presente trabalho. Tais agrupamentos não possuem um fim específico, porém seus integrantes passam a construir identidades coletivas que servem para auto-afirmação enquanto jovens e atores sociais.

Os dados da pesquisa foram coletados empiricamente, uma opção do autor e também como resultado de uma série de dificuldades, entre elas a raridade de referências a esse fenômeno

social nos veículos de imprensa de Salvador. Através das administrações centrais, os pontos de encontros dos bondes, os shopping centers, se esquivam de prestar quaisquer tipo de esclarecimento sobre a existência desses agrupamentos ou a ação dos aglomerados dentro dos estabelecimentos. Mesmo com a interferência da orientadora do trabalho, com solicitação formal de acesso ao shopping para realização de pesquisa acadêmica, foi impossível abordar os integrantes dos bondes dentro das dependências dos centros comerciais, o que limitou consideravelmente o acesso aos garotos e garotas. Algumas informações foram coletadas através de conversas entre o autor e integrantes dos bondes utilizando a ferramenta de comunicação instantânea gratuita disponível na internet MSN Messenger.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo serão apresentados conceitos gerais de juventude e como essa categoria, mesmo fragmentada, é utilizada para definir o escopo dessa monografia – mesmo que não haja a possibilidade de congregar os objetos de estudo numa única categoria estanque. O capítulo dois marca o debate sobre sociabilidade juvenil, quando o conceito de tribos urbanas, proposto por Maffesoli é fundamental para que se entenda qualquer fenômeno de agrupamento social juvenil, além da utilização da teoria dos papéis para identificar como funciona a construção da identidade dos jovens e as representações sociais por eles vividas. O capítulo três irá apresentar o fenômeno social em si, com as características dos bondes, suas relações com a periferia e os centros de consumo e o funcionamento dos próprios grupos e as estratégias de sociabilidade encontradas pelos integrantes para quebrar os paradigmas da classe social a que pertencem, do endereço em que moram e do agrupamento que fazem parte.

O trabalho tenta também entender os usos que agrupamentos juvenis fazem das ferramentas de comunicação disponíveis na internet e as estratégias para sociabilidade a partir desses recursos, permitindo que a barreira do virtual para o real seja transposta e o fenômeno surgido na web possa ser observado em espaços públicos/ privados.

2.1 CAPÍTULO 1 - COMPORTAMENTO JOVEM: ESTIGMAS, CATEGORIZAÇÕES E FRAGMENTAÇÕES

O conceito de juventude enquanto classificação etária existia antes de se tornar público alvo das campanhas de marketing do pós-guerra na década de 1950, com as primeiras ações publicitárias a ela destinadas. Entretanto, foi a febre por fenômenos dos ídolos do cinema como James Dean que se tornaram os primeiros objetos de estudo de acadêmicos. Hoje existem pesquisas que indicam que o conceito de juventude começou a ser desenhado no final do século XIX. Mas que jovens são esses que, mesmo tão díspares, podem ser reunidos como uma categoria social que divide interesses comuns?

Abordar a evolução histórica das ideias de juventude é essencial para se compreender o objeto de estudo do atual trabalho. Sem entender como funciona a lógica dos pesquisados é impossível discernir quem é quem numa sociedade que, para qualquer tentativa de esboçar suas características, depende da teoria dos papéis, uma incorporação das pesquisas na área de psicologia e que será utilizada na análise deste trabalho. Trata-se da incorporação de determinadas posturas em relação à sociedade que geram uma representação social do indivíduo, permitindo que este indivíduo seja reconhecido como integrante de um determinado círculo, assumindo um papel social a que se propôs ou foi designado. Rocheblave-Spenlé (*In Nascimento*, 2005, p. 34) resume uma definição abrangente desses papéis como “modelo organizado de condutas relativo a uma certa posição do indivíduo num conjunto interacional”.

Falar de papéis não se trata apenas da utilização do termo como num ato de dramaturgia, mas de papéis sociais como papéis sexuais, de família, de idade, profissionais e de classes sociais. Esse conceito é importante para que se perceba que muitos dos jovens que são aqui analisados tentam participar de alguma maneira dos contextos sócio-econômicos a que foram rejeitados ou até mesmo excluídos por questões aquém de sua capacidade cognitiva. No momento apropriado, esse viés voltará a ser analisado.

Ser jovem no século XXI é um desafio semelhante ao ser jovem no final do século XIX e início do século XX. O conceito de família – representado pela presença de pai, mãe e filho – foi esvaziado e pode ser facilmente questionado com a forte presença da mulher como provedora da família, excluída a imagem do pai da formação desse núcleo ou ainda com a presença ausente de pais e mães numa realidade econômica que exige que as figuras adultas

que irão determinar a formação da criança ausentem-se durante muito tempo de casa, transferindo a responsabilidade da educação e da condução da criança para outrem. Em suas pesquisas Nascimento (2005) observou uma constante entre os adolescentes pesquisados:

Eles lutam contra estes limites [dos pais] mas, às vezes, desejam ficar aliviados da responsabilidade de decidir quais são os riscos que devem correr, até onde podem seguir o grupo, até onde podem se aventurar no terreno sexual. A complacência dos pais e sua facilidade para ceder são, muitas vezes, interpretadas como falta de interesse (NASCIMENTO, 2005, p. 69).

Ainda que as figuras parentais estejam presentes, a ausência de imposição de limites é questionada como um exemplo de falta de preocupação e comprometimento dos adultos: “o adolescente perde (ou, para crescer, renuncia) a segurança do amor que era garantido à criança, sem ganhar em troca outra forma de reconhecimento” (CALLIGARIS, 2000, p. 24).

Há um processo altamente dinâmico para se discutir independência e autonomia desses jovens em relação aos pais. A autoridade parental, antes responsável pelo provimento de recursos e pela imposição de limites restritivos, está sendo reconfigurada dia a dia e a participação dela varia de acordo com os contextos em que estão inseridos esses jovens. Apesar da busca pelo lugar social e pelo papel social a que estão designados, os adolescentes/ jovens são subordinados – por questões econômicas, sociais, etc. – a aceitar o embate entre as gerações:

A dinâmica entre autonomia e heteronomia presente na socialização familiar impõe que se faça a distinção entre duas dimensões do processo de individualização: a independência (auto-suficiência econômica) e a autonomia (autodeterminação pessoal) (BRANDÃO *In* ALMEIDA E EUGENIO, 2006, p. 84).

Percebe-se que muitos desses jovens se consideram autônomos para tomar suas próprias decisões sobre os riscos que devem correr, mas continuam dependentes economicamente dos pais. Pedrazzini (2006, p. 100) acertadamente levanta uma hipótese que justifica porque, ao mesmo tempo em que há uma determinada liberdade para os jovens, há um medo constante dos pais: “Constatamos um enfraquecimento das defesas tradicionais do sistema social, como os valores de solidariedade e os laços comunitários, já relativizados pelas sociabilidades contemporâneas”.

Em resumo, a discussão que inclui violência urbana, degradação social e o medo do “outro” está sempre presente quando se fala da juventude atual. Novas configurações de sociabilidade atendem à demanda desses jovens por participar do mundo.

A adolescência é um período de grande interesse pelo mundo. O adolescente quer ganhar as ruas. Quer conhecer lugares estranhos, saber como vivem as outras pessoas. Quer se expandir e quer participar (KEHL, 2008, p. 49).

É uma época de transição. Não se sabe qual papel social esse indivíduo deve ter. Há o interesse em experimentar novas sensações, experimentar o próprio corpo, porém os limites sociais impostos impedem que tudo isso seja vivido plenamente por eles:

Articulando a crise ao conflito de papéis, apontam as contradições entre o papel da criança, ainda não de todo perdido, e o de adulto, não de todo acessível. As indefinições colocam o jovem numa situação análoga à do “homem marginal” (NASCIMENTO, 2005, p. 44)

Após alguns anos vivendo como crianças, sendo treinados e moldados dentro dos certames da sociedade em que estão inseridos, esses indivíduos são agora jovens que se colocam como aptos a ingressar na vida adulta, porém o reconhecimento enquanto adultos é postergado, mesmo com a maturação física e sexual. Segundo Calligaris (2000, p.16), “uma vez transferidos os valores mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores”. A partir dessa imposição social do papel de idade a que cabe ao adolescente, a rebeldia e o questionamento é um processo natural. Se eles estão aptos a passar para a vida adulta, por que não são reconhecidos como tal?

2.2 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO JOVEM

O estudo inaugural sobre cultura adolescente foi publicado em 1904, quando G. Stanley Hall publicou o livro *Adolescence* que propunha o estudo dessa classe social como uma classe que compartilhava interesses e problemas comuns. Daquele ano até os dias atuais, foram diversos os trabalhos que contemplavam os adolescentes como objeto de estudo, porém a presença desse agrupamento pode ser observada anteriormente à publicação do livro de Hall.

Desde o último quartel do século XIX houve muitas tentativas conflitantes de imaginar e definir o status do jovem – fosse mediante esforços combinados para arregimentar adolescentes usando políticas nacionais, fosse a partir de visões proféticas, artísticas, que refletiam o desejo dos jovens de viverem segundo suas próprias regras. A narrativa [do livro] começa em

1875, com os escritos autobiográficos de Marie Bashkirtseff e Jesse Pomeroy, e termina em 1945; durante esse período, cada um dos temas agora associados ao *teenager* [grifo do autor] moderno teve um precedente vívido e volátil (SAVAGE, 2010, p. 11).

Esses temas associados aos *teenagers* ou adolescentes discutidos por Savage (2010) no período que vai de 1875 a 1945, podem ser facilmente transportados para as realidades dos jovens atuais e é praticamente impossível não traçar paralelos entre os garotos delinquentes norte-americanos da década de 1920 com os atuais integrantes de agrupamentos juvenis que se reúnem para atos de rebeldia, violência e vandalismo. Gângsteres do Brooklin nova-iorquino nos anos da Lei Seca americana aliciavam menores assim como os chefes do tráfico de drogas nos grandes centros urbanos brasileiros arregimentam crianças e adolescentes para realizar trabalhos que, no caso de crianças e jovens, teriam como consequência uma pena mais branda caso sejam interceptados por organismos de fiscalização.

Apanhada entre a exploração e a condenação, entre o prazer e o puritanismo, a geração da década de 1920 foi vítima precoce das atitudes contraditórias de seu país [EUA]. A juventude era um tema volátil para um experimento de massa não comprovado. Sob a imagem picante, pagã, pluralista do *sheik* e da *sheba* [grifos do autor], havia impulsos selvagens, indomados: o preconceito e as violentas iniciações nas fraternidades universitárias, o dano físico causado pelas bebidas contrabandeadas, a violência do gatilho ágil de jovens gângsteres competindo pelo controle do vasto mercado ilegal de bebidas alcólicas (SAVAGE, 2010, p. 234).

Jovens sem perspectiva de futuro e mobilidade social – principalmente ascensão – tornam-se objetos de análise de sociólogos no período entre guerras (1918 – 1939) e o resultado indica que a problemática da época exigia a formação de grupos para sobrevivência, alguns com origem dentro do Estado e outros por confluência de interesses, receios e dificuldades. Savage (2010) relata em seu estudo sobre os pré-conceitos de juventude que grupos como Hooligans (Inglaterra), Boy Scouts (Estados Unidos) e Wandervogel (Alemanha) são exemplos de como os jovens foram organizados para sobreviver aos percalços de um mundo abalado pela ameaçada de guerra e as estratégias de sociabilidade utilizadas por líderes desses grupos para a manutenção dos integrantes.

Novaes (*In* Almeida e Eugenio, 2006) discute que jovens com idades similares vivem juventudes diferentes, a depender de fatores como desigualdade social, gênero e raça. Ela cita ainda que, no caso do Brasil, o fator “endereço” é determinante para indicar para a sociedade quem é o indivíduo que está sendo avaliado. A questão da mobilidade social, antes obtida pela

educação, hoje já não determinante para o sonho juvenil do emprego. A educação deixa de ser uma garantia de futuro e passa a ser apenas um passaporte para o futuro. São disparidades como o acesso à educação que servem de parâmetro para que os jovens agrupem-se de acordo com os interesses comuns.

Os conceitos da pesquisa de Savage são fundamentais para entender aquilo que pode ser visto hoje entre jovens já houve precedentes similares ou que permitem traçar linhas comparativas, mostrando que a juventude enquanto classe social, além de não ser estanque, não pode ser delimitada apenas a partir da fundação do termo *teenager* na década de 1940 pelos americanos. Ela é anterior aos movimentos culturais da década de 1950 e dificilmente pode ser dissociada dos contextos sócio-econômicos e culturais a que os jovens estão inseridos.

Citando Novaes (*In Almeida e Eugenio, 2006*), “lembrar que ‘juventude’ é um conceito construído histórica e culturalmente já é lugar comum”. Devemos partir de diálogos com segmentos da pesquisa como a sociologia, a antropologia e a psicologia para ampliar a discussão e delimitar qual o escopo de trabalho do objeto em análise. Em classificações gerais, podem ser considerados jovens aqueles nascidos há 14 ou 24 anos, por vezes dependentes economicamente de seus progenitores e que ainda não constituíram família. Porém limites rígidos já não são mais aceitos por organizações de saúde nem por pesquisas antropológicas e sociais. A idade de 14 anos era antes considerada como marco para o início da adolescência, e agora as crianças entram nessa fase da vida antes do 14º aniversário. O próprio conceito de adolescência perdeu sua força nas fases iniciais, sendo substituído pela nomenclatura de pré-adolescentes, começando em alguns casos desde os 10 anos e estendendo-se até os 15, a depender da exposição do indivíduo a informações cujas classificações etárias anteriores sugeriam para outras faixas de idade. Vejamos o exemplo citado por Nascimento (2006), em que a autora apresenta algumas justificativas para a evolução da discussão sobre temas considerados tabus e que hoje fazem parte do dia-a-dia de menores de 14 anos, como o sexo:

(...) tem se falado muito na erotização da infância, responsabilizando a televisão pela precocidade com que meninas saltam etapas e assumem papéis adultos sem passar pela puberdade, se apaixonam, fazem dietas para emagrecer, desprezam brincadeiras e aprendem danças sensuais (NASCIMENTO, 2006, p. 193).

O hábito de consumo da televisão e de outros veículos de comunicação como a internet permite que crianças tenham contato cada vez mais cedo com temas polêmicos e de difícil

abordagem para pais e adultos – os mesmos pais que encontram-se cada vez mais ausentes no dia-a-dia dos filhos. A precocidade da inclusão de determinados temas no repertório pode, inclusive, ser responsável pelo precoce amadurecimento físico de meninas e meninas – a menarca, a primeira ejaculação e a primeira ‘transa’ acontecem cada vez mais cedo.

Antes considerados como crianças, os pré-adolescentes entre 10 e 12 anos perdem aceleradamente o interesse por brincadeiras e costumes infantis e se inserem num mundo ‘adolescente’ e até ‘adulto’. Cada vez mais cedo, o sentimento da infância para alguns adultos já não existe em filhos e netos. A “pureza” e a “inocência” deram lugar a um *boom* de informações diversas sobre violência, sexo, saúde, etc. Em março de 2009, uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, Ibirubá, foi testemunha do efeito devastador da sexualidade precoce de uma menina de 11 anos com outros três garotos, um com 13 e os outros com 14 anos. Um vídeo da aventura dos adolescentes foi publicado na internet e a família da garota foi obrigada a mudar de cidade para preservar o futuro da criança.³

Para grande parte desses jovens, esses momentos iniciais da adolescência são o período mais complexo da formação identitária e que exigem a busca constante por parâmetros de comparação com seus pares e também com os adultos. Calligaris (2000) levanta claramente as interrogações existentes na mente adolescente:

O pensamento é mais ou menos o seguinte: “Os adultos querem coisas contraditórias. Eles pedem uma moratória de minha autonomia, mas o resultado de minha aceitação é que eles não me amam mais como uma criança, nem reconhecem como um par esta ‘coisa’ na qual eu me transformei. Talvez, para ganhar seu amor e seu reconhecimento, eu não deva então seguir a risca suas indicações e seus pedidos, mas descobrir qual é de fato o desejo deles, atrás do que dizem que querem. Em suma: de fato (e não só em uma das suas recomendações pedagógicas), qual é o ideal dos adultos, para que eu possa presenteá-los com isso e portanto ser por eles enfim amado e reconhecido como adulto?” (CALLIGARIS, 2000, p.26).

Para fins jurídicos, existem dois exemplos citados como parâmetros para identificação de crianças, adolescentes e jovens por pesquisadores. O Estatuto da Criança e do Adolescente brasileiro, aprovado em 1990, delimita diferenças etárias entre crianças – até os 12 anos – e adolescentes – entre 12 e 18 anos -, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) não traz essa distinção. Para o órgão internacional, existe apenas a classificação “jovens”, que compreende os indivíduos entre 15 e 24 anos, faixa considerada também por instituições de

³ Disponível em

<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?newsID=a2443409.htm&tab=00014&uf=1>, acessado em 02 de maio de 2010.

pesquisa brasileiras como o Ibope e Ipsos/ Marplan (IWANCOW, 2009). Mesmo que existam tentativas de delimitar critérios básicos para a classificação da juventude, Iwancow (2009) resume bem essa dificuldade:

(...) cabe-nos destacar que, em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida de outros símbolos e outros valores (IWANCOW, 2009).

Não há ritos de passagem definidos entre essas faixas etárias. Para muitos adultos, existe a constante preocupação sobre quais as portas – quais as opções – que os filhos escolherão ao deixar a infância. Kehl (2008) cita alguns exemplos de como as escolhas podem acontecer:

São muitas as portas, e todas apontam apenas para um tempo de incertezas. A vida adulta, o que é? Temos medo de que nossos filhos entrem pela porta errada. Pela porta das drogas, por exemplo. Quem não sabe que fumar um baseado com os amigos é um dos grandes ritos de passagem da infância para a adolescência. Rito que pode ser bem inocente, aliás, a depender do contexto que o cerca (KEHL, 2008, p. 48).

Para serem reconhecidos, seja como adolescentes, seja como adultos, os jovens incorporam atitudes e ações copiadas de seus pares ou de outros personagens que são identificados como ícones. Não se trata da busca pelo papel de herói ideal, mas da busca por um papel que seja reconhecido socialmente entre os outros jovens e entre os adultos. Ao compartilhar gostos e interesses, esses jovens podem ser identificados no meio de uma multidão uniforme a que julgam pertencer. Para serem diferenciados, optam pela participação em agrupamentos e associações que garantem uma identidade própria e que facilmente pode ser identificada. São as chamadas tribos, objeto do próximo capítulo.

Sobre paralelos entre situações atuais e situações passadas, é interessante retomar Savage (2010) ao citar um trecho do livro *Middletown* de Robert S. Lynd e Helen Merrell Lynd:

“Depois dos 12 ou 13 anos, o lugar ocupado pela família tende a recuar diante de uma combinação de outras influências formativas, até que, antes dos vinte anos, a criança é considerada uma espécie de adulto júnior, cada vez mais independente da autoridade dos pais” (SAVAGE, 2010, p.255).

O livro citado foi publicado em 1929 e ainda hoje se percebe a atualidade do tema que tratou. Essas comparações permitem observar que os problemas enfrentados por jovens de outras décadas e de outros contextos podem ser facilmente atualizados para os dias atuais. Ainda que estas situações sejam consideradas cíclicas, é válido avaliar que quando os contextos sócio-

econômicos passam a ter certa equivalência, muito provavelmente os fenômenos envolvendo as classes sociais voltam a acontecer.

As diferenciações exigidas pela sociedade fazem dos adolescentes e jovens um público potencial para a indústria da moda, responsável por elencar aquilo que “é preciso” ou “é necessário” para que sejam inseridas nos seus grupos. Assim, o surgimento de galeras foi estudado ao longo do último século e na primeira década do século XXI, há uma emergência do fenômeno dos bondes a que esse trabalho se dedica. Nascimento (2005) traz o relato da pesquisa psicossocial realizada na Universidade Federal da Bahia acerca da formação de subculturas juvenis:

A busca por diferenciação que, assim como a busca de igualdade, faz parte do processo de aquisição de uma identidade, culmina na criação de subculturas com características peculiares. A elas os adolescentes expressam fidelidade, ajudam-se a seus costumes, chegando às vezes a um hiper conformismo – traduzido como inconformismo – que pode produzir conflitos com os pais (NASCIMENTO, 2005, p. 91).

O conflito de gerações é sempre indicado como motivador para a construção do modelo de adolescente/ jovem rebelde. Os interesses divergentes e as condutas adversas ao que esperam os adultos fazem com que o choque entre pais e filhos funcione como uma alavanca impulsionadora das atitudes e ações dos jovens. Alguns desses pais, inclusive utilizam suas próprias experiências frustradas do passado para impor limites aos filhos. “O adolescente acaba eventualmente atuando, realizando um ideal que é mesmo algum desejo reprimido do adulto”, indica Calligaris (2000, p. 27). Continuando, Calligaris apresenta o fato de que esse desejo foi reprimido pelo adulto numa tentativa de esquecer-lo, por isso há o conflito quando o adolescente reativa esse desejo.

Outra vez, há um retorno à eterna vontade do adolescente/ jovem de ingressar definitivamente no mundo adulto. Esse movimento, observado nas ações e nas atitudes cada vez mais precoces, terá reflexos diretos no consumo e nas ações desses quase adultos. Os desejos de consumo também servirão, então, como motivadores desse público potencial:

O que é próprio ao desejo moderno é que, atrás de cada objeto desejado, sempre há um desejo de algo mais, de uma qualidade diferente: uma vontade de reconhecimento social – a qual nunca se esgota no objeto. Em outras palavras, o que é desejado é sempre instrumental para afirmar e constituir nosso lugar social (CALLIGARIS, 2000, p. 47).

Em suas pesquisas Nascimento (2005, p.67) observa que “muitos adolescentes tendem a reagir quando são tratados como crianças e agem infantilmente quando lhe são cobradas atitudes de adultos responsáveis”. Esse momento de transição é utilizado não apenas para justificar as atitudes rebeldes, mas para questionar quem são esses adolescentes e que papéis eles exercem em seus contextos sociais. Numa interessante analogia com o hábito de escutar música, Calligaris (2000, p. 53) comenta o objetivo geral dos adolescentes: “O adolescente oscila entre as caixas de som e viver de fone de ouvido. O recado é claro: ou te ensurdeço ou não te ouço”.

Os ritos de passagem, que nunca foram claramente definidos, são substituídos pelas atitudes performativas dos jovens agrupados no que Pais (*In* Almeida e Eugenio, 2006, p.7) chamou de ilhas de dissidências. Esses grupos são, na verdade, uma forma de resistência à cultura imposta pela sociedade, mas que, na verdade, são diferentes instrumentalizações dos aspectos culturais explicitados pelos diversos suportes de comunicação. Observe o exemplo inicial da monografia com os filmes de James Dean. Mesmo hoje, adolescentes e adultos compartilham ídolos e ícones de idolatria, ainda que os adultos lutem para negar que compartilham essa atitude:

(...) a imitação e a idolatria são formas básicas da socialização moderna; valem para adultos tanto como para adolescentes. No mais, trata-se, nessa crítica irônica, apenas do embate entre, digamos, estilistas como Prada e Giorgio Armani contra Tommy Hilfiger. Ou então de um ator como Leonardo DiCaprio contra Robert De Niro (CALLIGARIS, 2000, p. 52).

O que Pais (*In* Almeida e Eugenio, 2006) chama de culturas performativas pode ser exemplificada através de movimentos musicais como o hip-hop e o rap, a cultura urbana do grafite e os esportes radicais. “Frequentemente o excesso traduz-se na superação de um limite visto como caminho de saída de um sistema cerrado (espaço estriado)”, refere-se Pais (*In* Almeida e Eugenio, 2006, p.14) ao caminho dos esportes radicais. Superar os limites impostos pela sociedade é uma das metas e o principal projeto da maioria dos jovens.

Não existe então uma forma única de ser jovem. As maneiras podem variar de acordo com as realidades sócio-econômicas em que estão inseridos, com a localização espacial ou até mesmo com a inserção digital a que estão expostos. Ou seja, não há como indicar um modelo – e até mesmo alguns modelos – que sirva de base para os jovens. Alguns deles interpretam os modismos e se apropriam deles de maneiras diferentes, com representações sociais diferentes, mas que compartilham algumas características em comum. A partir de uma única apropriação

cultural, diferentes agrupamentos de jovens podem manifestar-se socialmente de maneiras distintas.

Assim, há várias maneiras de “ser jovem”, como também “ser velho”, sem esquecer que essas próprias classificações não são dadas, e sim fenômenos socioculturais. No caso de nossa sociedade, apenas para exemplificar, basta pensar nas nebulosas fronteiras entre infância e adolescência, adolescência e juventude, juventude e maturidade, maturidade e velhice. Todas essas categorias e sua duração são discutíveis e sujeitas a constantes revisões, redefinições e reinterpretações (VELHO *In* ALMEIDA E EUGENIO, 2006, p. 194).

Com a impossibilidade de delimitar quando começa e quando termina a adolescência por questões biológicas e jurídicas, cabe o reconhecimento dessa fase da vida como uma construção sócio-cultural, que varia de acordo com os contextos em que estão inseridos esses jovens. Para participar do contexto a que espera, os adolescentes buscam reconhecer-se como um adulto, talvez um desejo primordial, enquanto que parte dos adultos prefira estender essa fase transitória da vida. Na verdade, esse segundo fenômeno foi identificado muito recentemente e carece de mais referenciais bibliográficos. Iwancow (2009) apresenta os adulescentes – em inglês, *kidults* - como uma parcela do público consumidor que prolonga os hábitos adolescentes pela vida adulta e passam a se comportar como tais:

Os adulescentes são reflexos de como a prática cotidiana cria novos grupos e compõem novas redes e sociabilidades, numa livre associação de valores, atitudes e comportamentos que originam ações táticas, aproveitando com habilidade as ocasiões de introduzir as novas maneiras de agir e de fazer, na busca de estilos de vida expressivos e livres (IWANCOW, 2009, p. 7).

O final é tão difícil de ser delimitado quanto o início. Essa dificuldade advém da extensão do período de estudos, principalmente com as exigências de mercado por um profissional cada vez mais qualificado, que contribui para a manutenção dos jovens na casa dos pais até o término dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, em contraposição a antigas gerações, em que após o final da graduação os jovens passavam da dependência econômica dos pais para constituir família, utilizando o jargão popular “sair da asa dos pais”. A competitividade para inserção no mercado de trabalho exige a necessidade de constante atualização, além de altos níveis de especialização, como requisito básico para conquista de espaço no mercado de trabalho.

Ainda assim, a condição juvenil – como etapa da vida que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta – tem suas especificidades. Isso porque a experiência geracional é inédita, já que a juventude é vivenciada em diferentes contextos históricos,

e a história não se repete. Desta forma, para pensar a condição juvenil contemporânea, devemos que considerar a rapidez e as características das mudanças no mundo de hoje (NOVAES *In* ALMEIDA E EUGENIO, 2006 p. 119).

Utilizar categorizações estanques sobre qual juventude é essa que está sendo discutida é tarefa ilógica. Como afirma Knauth e Gonçalves:

Quem poderá resumir a juventude somente como um estado de rebeldia, de agitação, paixão, flexibilidade, incertezas, crescimento? Se o fizer, estará relegando outros modos de defini-la e vivê-la que são visíveis nas ruas, nas casas e nas escolas (KNAUTH E GONÇALVES *In* ALMEIDA E EUGENIO, 2006 p. 94).

Ou nas palavras de Almeida e Tracy:

Admitimos, porém, que o próprio conceito de juventude é de difícil definição, porque um dos aspectos mais característicos da contemporaneidade é justamente a disseminação de um “estilo de vida” jovem, para além das fronteiras etárias (ALMEIDA E TRACY, 2003, p. 21)

Ou seja, qualquer tentativa de categorizar a juventude apenas como uma classe etária é uma tarefa sem sentido que nem mesmo pesquisadores da área de ciências sociais optam por fazê-lo. A ideia de juventude deve ser encarada como se fosse uma categoria que varia de acordo com as características e a cultura da sociedade em que está inserida.

2.3 JUVENTUDE BRASILEIRA, PERIFERIA E VIOLÊNCIA

A juventude brasileira tem passado por transformações similares aos fenômenos enfrentados pelas classes juvenis em todo o mundo, o que permite traçar paralelos todo o tempo sobre os problemas e as dificuldades enfrentadas por eles. Apesar de não terem vivenciado um período entre guerras como em outros países – e um pós-guerra de grande repercussão dentro do território nacional – algumas centenas de jovens viveram o horror da repressão na ditadura militar e se organizaram em agrupamentos como uma maneira de resistir a ela – mesmo que de maneira secreta.

Apesar de não conviver com o fantasma da repressão hoje, os jovens brasileiros compartilham uma grande quantidade de medos com os jovens do mundo todo, como o medo do desemprego e o medo da morte, por exemplo. As expectativas de inserção no mercado de trabalho é um dos principais geradores de conflitos entre as gerações segundo Novaes (*In Almeida e Eugenio, 2006, p. 109*): “hoje, nas relações familiares, a incerteza quanto à inserção no mundo do trabalho tem um peso semelhante ao que a questão sexual, sobretudo para as mulheres, teve nas gerações passadas”. Para a pesquisadora, esse medo soma-se a outros tantos preconizados pelo espaço das grandes cidades:

Em várias pesquisas, quando se pergunta aos jovens sobre os dois maiores problemas do país, eles mencionam “desemprego” e “violência”. Essas respostas permitem compreender um pouco mais os jovens de hoje: entre os medos citados por eles, aparecem em destaque o “medo da morte” e o “medo do futuro”. No medo do futuro se expressam os sentimentos de uma geração que se defronta com um mercado de trabalho restritivo e mutante (NOVAES *In ALMEIDA E EUGENIO, 2006, p. 110*).

Esses medos foram transportados para as relações sociais, que se constroem com grande influência dessas situações. O medo da violência exige que os lugares frequentados sejam cada vez mais seguros – ou, ao menos, pareçam ser mais seguros – e espaços de convivência ficam reduzidos a um pequeno leque de opções. O endereço – como será visto posteriormente – será um diferencial preponderante para uma contratação e até mesmo para os ambientes que a sociedade “autoriza” que o jovem participe.

Novaes (*In Almeida e Eugenio, 2006*) faz ainda uma distinção interessante entre dois tipos de jovens, muito comuns no cotidiano das grandes cidades, os “jovens de projeto” e os “jovens de periferia”. Apesar de não serem categorias totalmente excludentes, pode-se afirmar que há um tratamento diferenciado a depender de qual delas o jovem está inserido. Principalmente no relacionamento com categorias sócio-econômicas com poder aquisitivo mais alto que o do círculo social dos jovens. Mas essas categorias são, sobretudo, demarcadores de uma identidade esperada, ou de um horizonte de expectativa criado pelo restante da sociedade em relação aos jovens que residem nos bairros considerados periféricos.

Os “jovens de projeto” são aqueles que foram beneficiados por algum projeto social e que de alguma forma ampliaram as opções de inserção no mercado de trabalho, seja através de cursos profissionalizantes ou de uma melhoria na qualidade da educação, através de ações de inclusão digital ou através do esporte, etc.. Esse critério serve para diferenciar jovens dentro

de um mesmo contexto social que, segundo a autora, pode ser observado quando há a necessidade de escolha entre os termos para identificar o local de residência:

(...) pesquisas demonstram que os jovens de áreas pobres e violentas do Rio de Janeiro têm suas próprias estratégias de usar (ou não) as palavras “favela” e “comunidade” com interlocutores diferentes. Em certas ocasiões, frente ao poder público ou a organismos não-governamentais, falam que são da “favela tal”. (...) Em outras situações, frente a outros interlocutores, os jovens se referem ao lugar onde moram como “comunidade”, apontam para o estigma da palavra “favela” e utilizam um código de classificações próprios das redes de “trabalho comunitário” (NOVAES *In* ALMEIDA E EUGENIO, 2006, p.112).

Já os “jovens da periferia” têm o estigma do espaço onde moram como determinante para a classificação identitária. A palavra periferia não se refere apenas ao espaço geográfico a que estão inseridos. Refere-se à identidade construída ao longo dos anos, com efeitos nos estilos, estéticos, vínculos sociais e laços afetivos (Novaes *In* Almeida e Eugenio, 2006). Esses jovens incorporam elementos da cultura do hip hop – questionadora dos valores e das normas sociais vigentes em sua essência – e utilizam no cotidiano, em alguns casos com relacionamentos estreitos com o crime organizado e o tráfico de drogas. Entre outros elementos, o hip hop agrega o rap (música), o break (dança) e o grafite (artes plásticas) como características essenciais. “O hip hop pode ser pensado como um movimento de expressão cultural que produz efeitos políticos”, afirma Novaes (Novaes *In* Almeida e Eugenio, 2006, p. 117).

Essas expressões culturais dos “jovens da periferia” terão impacto direto nas relações sociais por ele construídas e nos espaços de sociabilidade por eles selecionados para existirem enquanto seres sociais. A marca identitária fica tão fortalecida que permite que agrupamentos juvenis incorporem seus elementos e façam uma utilização diferenciada, ainda que tenha o mesmo objetivo da apresentação desse jovem como um ser social. Trata-se da apropriação de elementos de uma cultura marginal que possui reflexos diretos no reconhecimento daqueles indivíduos como um agrupamento e, por consequência, na identificação das características dele, como será visto nos garotos e garotas que formam os bondes juvenis – detalhados no capítulo três.

3.1 CAPÍTULO 2 - PAPEIS E REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Para falar sobre sociabilidade juvenil é importante citar a obra de Maffesoli (2006) sobre a sociedade das tribos. O conceito inaugurado pelo autor remete a sociabilidade juvenil à ideia de tribos primitivas e permite que sejam percebidas algumas diferenças fundamentais entre os agrupamentos sociais e, nesse caso específico, os agrupamentos sociais juvenis. Segundo o autor, ao compartilhar interesses, indumentárias, vocabulários, etc. os jovens sentem-se parte de um grupo e dividem de alguma forma as tarefas e as estruturas hierárquicas de uma tribo indígena, por exemplo. Ainda assim, o conceito de tribo exigiu as adaptações necessárias e o autor passou a classificar as tribos urbanas como neotribalismo que “é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão” (MAFFESOLI, 2006, p.132).

As práticas e rituais específicos, assim como as reflexões que esses jovens fazem do seu cotidiano, fazem parte, portanto, de uma estratégia de autodefesa para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. É certo que ao observar que seus pares reagem de maneira similar ou que compartilham as mesmas experiências de disputa por território e por atenção, facilmente esses jovens incorporam-se a esses agrupamentos. Talvez seja a diferença entre a moral imposta pela sociedade e pela figura parental e a moral partilhada e construída por semelhantes é que desperte nos jovens essa necessidade do ideal de estar-junto.

A confiança que se estabelece entre os membros do grupo se exprime por rituais, de signos de reconhecimento específicos, que não têm outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo. Sempre esse duplo movimento formulado *supra*; da criptolalia erudita ao “*verlan*” (linguagem *al reves*) de nossos malandros, o mecanismo é idêntico: a partilha secreta do afeto, ao mesmo tempo em que confirma os laços próximos, permite resistir às tentativas de uniformização (MAFFESOLI, 2006, p. 159).

A noção de pertença é essencial para esses jovens e fazer parte de algo, tomar partido de uma causa, os fazem sentir-se mais próximos da concepção que eles têm de “ser adulto”. Ao mesmo tempo em que não é permitido ser criança, não é permitido que eles adentrem no mundo dos adultos. O resultado disso é que o limbo a que estão destinados os adolescentes é um ambiente hostil e quase sempre desvinculado dos limites parentais. Ao participar de um grupo, o adolescente/ jovem nega a existência de alguns valores que são impostos pela

sociedade e gera seus próprios valores, criando uma cultura própria, muitas vezes considerada marginal.

Movidos pela necessidade de consolidar no grupo a ideia de pertencimento, as turmas de jovens “organizam-se” com objetivo de deixar marcas territoriais. Essa necessidade de “registro social” no mapa “oficial” é que vai ensejar entre as galeras a mobilização de práticas de violência (DIÓGENES, 2008, p. 105).

Então, é preciso retomar a teoria dos papéis, citada no começo do capítulo um dessa monografia. Apresentada pela psicologia social, essa teoria vai justificar o porquê desses jovens se comportarem de uma forma pré-elaborada – talvez até mesmo previsível. Os adolescentes/ jovens estão numa etapa da vida em que os papéis sociais de gênero e idade estão indefinidos, ou melhor dizendo, estão numa fase de descobertas constantes e de frustrações na mesma frequência. Para que aconteça a sociabilidade, tratada por Maffesoli como socialidade, é importante que se perceba a importância dos papéis sociais de cada indivíduo:

A pessoa (*persona*) representa *papéis*, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi* [grifos do autor] (MAFFESOLI, 2006, p. 133).

Ou seja, semelhante a um espetáculo teatral, cada um interpreta um personagem – ou diversos personagens – para integrar o contexto em que está inserido. Essa ideia corrobora com a noção de representação social que identifica que um determinado indivíduo possui uma representação construída a partir do papel que ele desempenha no círculo social. A sobrevivência exige que esses papéis não apenas sejam construídos, mas que sejam mantidos, pelo menos nos instantes em que o indivíduo está participando desse ou daquele determinado grupo. A fluidez do neotribalismo citada por Maffesoli é a convenção teórica para identificar que os hábitos e maneiras de agir são adaptadas de acordo com o momento e com o grupo que está representando naquele espaço. Outros autores corroboram com o conceito de tribo proposto por Maffesoli:

Tribo evoca o “primitivo” e designa grupos concretos com ênfase não em seu tamanho mas nos elementos que seus integrantes usam para estabelecer diferenças com o comportamento normal: os cortes de cabelos e tatuagens de punks, carecas, a cor da roupa dos darks e assim por diante (MAGNANI *In* DIÓGENES, 2008, p. 57).

Ao apropriar-se de padrões comportamentais pré-existentes, os jovens acreditam que “as coisas sempre foram assim, devem continuar sendo assim”, como identifica Nascimento (2005, p. 35). Entretanto, ao assumir um determinado papel já estabelecido ou ao adotar um script pré-determinado, esse jovem corre o risco de perder suas características pessoais, reduzindo-se “a um mero intérprete de um texto decorado” (NASCIMENTO, 2005, p. 36).

As turmas de jovens, embora busquem formas de expressão estética referendadas no consumo de massa, são os atores sociais que mais parecem expressar diferenças, tendo por base a noção compactuada de território e a construção de códigos culturais compartilhados apenas entre os “enturmados” (DIÓGENES, 2008, p. 57).

O conteúdo dessas interpretações de papéis varia de acordo com o contexto em que estão inseridos. Por vezes, há a presença marcante de estereótipos nos meios de comunicação, com destaque à TV, que consegue massificar – ou ao menos amplificar – uma determinada moda ou conceito. Ao desempenhar um determinado papel social, um indivíduo o integra à sua personalidade, permitindo que sejam feitas análises do lugar social que ele ocupa. Alguns autores, cita Nascimento (2005), indicam que a personalidade não incorpora os papéis interpretados pelos indivíduos. Outros, porém, acreditam que a personalidade nada mais é do que o produto dos papéis sociais desenvolvidos. Essa discussão não compete ao presente trabalho, porém é válido salientar que existem diversas vertentes para análise da teoria dos papéis.

Na verdade, o que os jovens buscam é, sob uma ótica mais simples, pertencer a algum grupo ou se inserir num contexto que permita que eles sejam reconhecidos como seres sociais capazes de se relacionar com os outros. Ser alguém com os outros e ser alguém como os outros. Ao interpretar papéis, os indivíduos admitem as regras de conduta especificadas pelos agrupamentos a que fazem – ou gostariam de fazer – parte. E esses grupos são, na verdade, a reunião das expectativas compartilhadas por esses indivíduos, mesmo que não haja algum tipo de formalidade no agrupamento:

Grupos formais e informais são frequentemente constituídos pelas expectativas que lançam sobre seus integrantes. Ao fazê-lo, excluem quem eles presumem não viver segundo tais requisitos. Quando esses hiatos de compreensão se instalam entre os grupos, costumam ser preenchidos por suposições estereotípicas. Assim, é possível afirmar que o fato de podermos nos ajustar às condições de atuação no interior do grupo limita nossa liberdade, ao nos impedir de realizar experiências pobremente mapeadas e imprevistas, encontradas para além dos limites do grupo (BAUMAN, 2010, p. 37).

O embate entre liberdade individual e desejo coletivo citado por Bauman (2010) é o mesmo levantado pelos autores comentados por Nascimento (2005). Ao reafirmar a existência do agrupamento e assumir os papéis por ele exigidos, os indivíduos negam características pessoais – ou ao menos as omitem – caso não haja a permissão para mantê-las. Por isso, observa-se que existe a necessidade da interpretação de vários papéis distintos, a depender do contexto e do grupo a que se deseja pertencer. Esse desejo nada mais é do que a própria representação humana enquanto ser social que necessita estar com outro para existir.

Não seria estranho, inclusive, afirmar que tais papéis são as projeções do “eu” que equivalem aos objetos de estudo da psicanálise. Ao fazer escolhas do cotidiano, o indivíduo registra a tentativa de agradar – ou pelo menos não desagradar – outros que estão no seu contexto e que dependem desse jogo para aceitá-lo – ou não – como integrante de um agrupamento. Além de satisfazer expectativas dos outros, é necessário também que as próprias expectativas sejam satisfeitas e assim sejam construídos os laços do pertencimento, imprescindíveis para a manutenção do indivíduo como integrante desse ou daquele determinado grupo.

Com o grupo devidamente escolhido, as características dele passam a ser reproduzidas, com as liberdades e constrangimentos que são cabíveis, dentro do que faz parte do horizonte de expectativa do grupo. É o que Bauman (2010) chama de grupos de referências:

Trata-se de grupos em relação aos quais medimos nossas ações e que fornecem os padrões a que aspiramos. O modo como nos vestimos, falamos, sentimos e agimos em diferentes circunstâncias constitui traços conformados por nosso grupo de referência (BAUMAN, 2010, p. 46).

É interessante frisar que, apesar de tratar o pertencimento aos grupos como uma questão de escolha pessoal, nem sempre é possível afirmar que essas escolhas sejam conscientes. Há, por mais ínfimo que possa parecer, uma condução de determinadas características que fazem parte do contexto social a que estão inseridos e que não são facilmente alteradas. Lógico que alguns desses indivíduos conseguem discernir que até mesmo estas escolhas podem ser conscientes e passam a negar as características que julgam pouco adequadas aos seus contextos sociais – e esse fato pode ser considerado uma justificativa para certa rebeldia ou inadequação aos parâmetros exigidos pela sociedade.

Alguns grupos, entretanto, apesar de fazerem parte do círculo social e responderem às ações dos indivíduos podem não fazer parte de um grupo de referência. As reações e posturas podem ter certa influência no indivíduo, mas não são determinantes para que sejam feitas

escolhas sobre hábitos e costumes. Bauman (2010, p. 46) cita como exemplo a família, os amigos, professores e chefes de trabalhos. Para que a influência seja observada – ou presente – é preciso “algum grau de consentimento para que um agrupamento se transforme em grupo de referência”.

3.2 A CONFIGURAÇÃO DA SOCIABILIDADE NAS REDES SOCIAIS

Um importante conceito que deve ser tratado ao falar de sociabilidade são as redes sociais. Apesar do alarme feito com os sites e sistemas online de relacionamento, algumas características das redes sociais advêm de uma época bem anterior ao nascimento da internet. Para falar sobre elas, é necessário retornar ao conceito de redes. Os primeiros estudos especializados sobre redes datam do século XVIII, quando o matemático Euler propôs que os pontos de acesso à cidade prussiana de Königsberg eram como arestas e os lugares conectados por ela eram chamados de nós (Recuero, 2004). O primeiro *teorema dos grafos*, como ficou conhecido, foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos que faziam a análise estrutural de redes sociais, quando, por analogia, as pessoas eram considerados nós e as relações entre elas as arestas – exatamente como propôs o matemático para um problema físico.

Apesar de ter como berço a matemática, o teorema de grafos foi incorporando informações de outras áreas das ciências, como biologia, física e, posteriormente, a sociologia, que fez a incorporação que permite tratar de redes sociais. Qualquer relação entre dois indivíduos poderia ser considerada como uma rede – conhecido como tríade -, porém alguns autores defendem que só seria permitido tratar como tal a partir da formação das tríades, onde existe sempre um nó conector entre duas relações distintas. Não cabe a esse trabalho, entretanto, afirmar qual a maneira mais adequada para se avaliar o nascimento de uma rede, mesmo porque o objeto de estudo, os agrupamentos juvenis, se caracterizariam como redes em qualquer uma das situações.

Existem alguns aspectos adequados para análises dos agrupamentos juvenis sob a ótica da teoria de redes. Um deles seria a análise da topologia da rede, ou seja, de como esses nós se

comportam e qual a densidade do sistema. Para efeitos de pesquisa, os agrupamentos juvenis que são objeto de estudo da presente monografia poderiam ser indicados através da classificação de redes sem escalas. Segundo Barabási e Albert (1999), citado por Recuero (2009), as redes possuem um padrão de organização aleatório que apresentam uma ordem dinâmica de estruturação. Para os autores, existem muitos nós que possuem poucas arestas, enquanto uma minoria concentra uma grande quantidade, como um pequeno centro de distribuição de relações – hubs ou conectores. Esses hubs e conectores teriam uma conexão preferencial e, no caso dos agrupamentos juvenis, equivalem aos líderes dos grupos, que exercem algum tipo de poder para influenciar os demais integrantes dos agrupamentos.

Algumas propriedades listadas por Recuero permitem analisar as redes formadas pelos agrupamentos juvenis de uma maneira mais complexa e extensa, principalmente quando analisada a presença de líderes e de uma estrutura hierarquizada de comando, além do que se pode considerar o sistema formado por esses jovens como uma rede altamente complexa que se sobressai às arestas e relações dentro dessa rede. O objeto de estudo desse trabalho comprova que essa característica é realmente formadora da rede e estende ainda mais a questão. Alguns dos integrantes de uma determinada rede, além de partilhar dos interesses desse agrupamento, eles participam de outros agrupamentos e redes.

É interessante também trazer à tona a discussão sobre a intensidade dos laços que são construídos dentro de uma determinada rede. Essa intensidade pode ser utilizada para avaliar também a sociabilidade dos indivíduos, pois determina o grau de proximidade no relacionamento entre eles. Os laços fracos são aqueles que apresentam ligação sem vínculos mais profundos, muitas vezes ligados a aspectos superficiais de uma determinada rede. Esses laços são fundamentais porque normalmente eles são os responsáveis pela ligação entre redes, que potencializa as conexões e as interações futuras. Podem ser observados em qualquer ambiente ou contexto em que o indivíduo está inserido e é facilmente notado em relações de trabalho, por exemplo, que se limitam estritamente ao ambiente profissional. O outro caso, entretanto, apresenta-se como mais fundamental para a construção da sociabilidade, pois se refere aos laços fortes que são formados a partir de interações constantes e que se estendem além de um contexto determinado pela rede. Existem diversos exemplos que podem auxiliar no entendimento de laços fortes como as amigas que, muitas vezes, partilham os mesmos interesses e os mesmos espaços geográficos, participando de círculos sociais como o ambiente de trabalho e as opções de lazer.

3.3 SOCIABILIDADE E FRONTEIRAS DE CIRCULAÇÃO

As mais variadas transformações que a sociedade passou nos últimos 40 anos, desde a revolução sexual da década de 1960 e os movimentos de contracultura, por exemplo, alteraram profundamente as estratégias utilizadas pelos estratos sociais para sociabilidade. A juventude, enquanto classe heterogênea, repleta de diferenças e vicissitudes típicas do seu agrupamento difere dos demais segmentos sociais em que estão inseridas. Contextualizando as modificações, Feixa (*In Costa e Silva, 2006*) busca, nas pesquisas de V. Woolf e H. Wulff, apresentar a participação física do quarto de adolescentes e jovens como espaço de socialização. A primeira, com a publicação de *A Room for One's own* de 1929, em que o quarto (com destaque ao das jovens) aparece como espaço para construção de suas identidades e a segunda, já na década de 1980, apresentando as modificações que o contexto econômico irão produzir na oportunidade de mais jovens possuírem seu próprios espaço de identidade, seus próprios quartos.

O importante na análise do quarto dos jovens como espaço para construção identitária permite que verifiquemos que, munidos de seus próprios espaços, os jovens irão utilizá-lo para sociabilidade com amigos. “Alguns pais, no entanto, adotavam outra prática, convidando os amigos dos filhos para frequentarem suas casas, tendo com isso a ideia de que os mantinha sob controle” (COSTA E SILVA, 2006 p. 154).

Dentro de seus próprios espaços, algumas vezes forçados pelos pais em decorrência do aumento significativo da violência urbana, o jovem buscará utilizá-lo da maneira mais adequada que lhe couber. Feixa (*In COSTA E SILVA, 2006, p.106*), ao fazer a análise de caso de uma família de classe média espanhola, verificou que o jovem de 19 anos analisado “tranca-se nele [no próprio quarto] para jogar, fazer trabalhos manuais, ginásticas, para escutar música, ler revistas, receber chamadas e mensagens de sua namorada pelo celular”.

Utilizado por Feixa (*In COSTA E SILVA, 2006*), o estudo desse caso pode servir como parâmetro para outras análises, mesmo que sejam analisadas famílias em diferentes contextos culturais. O processo de globalização e a erupção de fronteiras nacionais provocam a convergência de análises de diferentes casos com resultado parecido. Caso a família analisada fosse deslocada da Espanha para o Brasil, verificando-se certa semelhança entre os contextos econômicos, é possível obter as mesmas diferenciações em relações a gerações anteriores.

Esse quarto a que estamos nos referindo é completamente atípico para os jovens das periferias dos grandes centros urbanos. Ao citar que o quarto dos jovens compõe um espaço extremamente fundamental para a construção da sua identidade enquanto ser social, a inexistência desse espaço personalizado serve de justificativa, ou ao menos pano de fundo, para a busca por alternativas para a sociabilidade e para a construção identitária dos jovens.

Almeida e Tracy (2003) trazem uma importante discussão entre as diferenças entre lugar e espaço, fazendo referências a diferenciação conceitual proposta por Michel De Certeau. Essa distinção é necessária para reconhecer a importância que cada um dos conceitos terá na conformação dos agrupamentos. No caso dos agrupamentos juvenis, existem os lugares escolhidos como pontos de encontro e de existência física dos movimentos, porém esse lugar é transformado no espaço de identidade, semelhante ao debate sobre o quarto dos adolescentes referido anteriormente.

“(…) o espaço é composto por uma multiplicidade de histórias, percebe-se que nada poderia ser a um só tempo mais ordenado e mais caótico que o espaço, com todas as suas justaposições inusitadas e efeitos emergentes involuntários” (DE CERTEAU *In* ALMEIDA E TRACY, 2003, p. 28).

Um espaço nada mais é do que a representação social do lugar escolhido pelos agrupamentos para sua manifestação de estilo, hábitos, etc. Ao fazer a opção de um lugar físico para realizar seus encontros e reuniões, os grupos juvenis fazem a escolha de qual local geográfico eles devem existir, adaptando ou procurando adaptar-se a esse espaço, tentando de alguma forma colocar um pouco de sua identidade nele – no caso de espaços públicos, a manifestação pode ser através da negação de autoridades ou até mesmo pelo compartilhamento de vestes e gírias, por exemplo.

Esse espaço é uma das principais ferramentas que o adolescente/ jovem encontra para caracterizar a própria identidade, tão necessária e requerida para a inserção desse jovem no círculo social. Ao organizá-lo da maneira que julga mais apropriada ou através da negação de uma autoridade que compõe aquele espaço, o adolescente tenta apresentar ao mundo a própria personalidade – ou seja, as representações sociais que ele interpreta para fazer parte desse mundo. A composição dos papéis selecionados por ele numa tentativa de inserir no contexto social depende – também – do espaço identitário que ele utiliza como seu.

A escolha desse espaço, entretanto, é cada vez menos aleatória e depende consideravelmente da situação sócio-econômica do lugar geográfico em que estão inseridos. Almeida e Eugenio

(2006) apontam um critério de diferenciação cada vez mais comum nas seleções de emprego e que não deixa de ser uma manifestação de preconceito social:

O endereço faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos. Para as gerações passadas esse critério poderia ser apenas uma expressão da estratificação social, um indicador de renda ou de pertencimento de classe. Hoje, certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia – chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjuntos habitacionais, comunidades (ALMEIDA E EUGENIO, 2006, p. 106).⁴

Além de ser um critério de diferenciação para inserção no mercado de trabalho, o endereço fará diferença na escolha dos espaços que os agrupamentos juvenis terão autorização de compartilhar. Numa interpretação mais geral, pode-se observar que parte da sociedade encara que os agrupamentos ou até mesmo os jovens devem permanecer dentro do espaço geográfico a que foram destinados por sua condição sócio-econômica. Não se trata, entretanto, de uma afirmação elitista ou preconceituosa, mas apenas a constatação de que, mesmo os próprios jovens, compartilham a ideia que existe um espaço a eles destinado. Talvez por isso, no caso dos bondes juvenis – que serão apresentados mais profundamente no próximo capítulo – ocorra a negação e a contestação do espaço que eles julgam ter sido escolhido pela sociedade, levando a ruptura das barreiras sociais invisíveis criadas.

A origem desse preconceito pode ser justificada como resultado do aumento da violência nos espaços urbanos – no século XXI, pela primeira vez na história da humanidade, a população urbana superou a população rural. Uma afirmação de Pedrazzini (2006) resume e corrobora com o pensamento da maioria da população: “os fenômenos de violência das grandes cidades e o sentimento de insegurança dos seus habitantes são indicadores e fatores de uma transformação radical do espaço urbano” (PEDRAZZINI, 2006, p. 99).

A transformação radical a que se refere Pedrazzini é a retaliação/ reordenamento dos espaços de convivência dos indivíduos, transformando-os muitas vezes em prisioneiros dentro da própria residência. Além das casas com esquemas de segurança, parte da população busca, nos espaços de convivência, a noção de segurança que lhe é permitida dentro dos lares. Essa busca, em alguns casos, desmedida transforma locais de trabalho em celas e os espaços públicos em locais de constante vigilância. Se um determinado lugar não permitir a noção de segurança exigida, ele não fará parte do espaço de convivência dos indivíduos. Por isso, um

⁴ O endereço da moradia tem sido indicado como um fator determinante em algumas pesquisas sobre emprego. Esse quesito não é apenas um critério para eliminação de jovens que tentam se inserir no mercado de trabalho, mas também de adultos e outros profissionais.

movimento bastante comum é a substituição da antiga praça da grande cidade pela praça de alimentação dos shoppings centers, onde a noção de segurança é maior:

Os esforços de manutenção da estabilidade social produzem cidades e redes de sociabilidade “maquiadas” de ordem e segurança. Vias de passagem, não permitidas para pedestres, locais públicos de extrema luminosidade e pontuados por esquemas de segurança. Os shopping centers expressam o cenário por excelência do sonho idílico da segurança na sociedade de consumo. Espaços zoneados, espaços segregados (DIÓGENES, 2008, p. 82).

Esse cenário das cidades violentas é, porém, bem mais recente do que o medo vivenciado pelas pessoas. É correto afirmar que a violência sempre existiu dentro da sociedade, mas nos últimos anos o acesso a informações sobre ela só possibilitaram um aumento constante da sensação de receio sobre quem é o próximo:

(...) a imagem da cidade caótica, dividida, cruel e perigosa foi instaurada no imaginário coletivo há dez ou vinte anos. Talvez ela tenha sido reinstaurada no cenário urbano e na mente dos habitantes desde que alguns arranha-céus da mitologia metropolitana desabaram na terra roubada dos índios de Manhattan (PEDRAZZINI, 2006, p. 59).

A dinâmica do medo não se resume a questão de movimentos terroristas ou envolvendo centenas ou milhares de pessoas. O medo nos grandes centros urbanos faz parte do cotidiano e pode ser observado em qualquer integrante da sociedade em qualquer espaço utilizado para pesquisa. “Os habitantes urbanos não conseguem mais distinguir as violências que os assustam, tampouco identificar o “inimigo” ou o “agressor””, indica Pedrazzini (2006, p. 100). Se não conseguem identificar quem são esses atores, por que então ter medo?

Nas grandes cidades, há o estigma do pobre – jovem pobre - como marginal. Esse estigma evoluiu a partir do preconceito social criado pela sociedade para dividir as cidades em blocos, principalmente com a emergência do fenômeno das favelas. No caso brasileiro, mais especificamente, a dificuldade de conhecimento de quem são especificamente os atores da violência, gera o preconceito com o endereço, por exemplo. A violência pode ser resumida como uma manifestação das políticas sociais e econômicas desenvolvidas por aqueles que controlam o poder:

Seria um erro, do ponto de vista científico e não ideológico, separar o estudo da violência urbana do estudo da cidade com o espaço de conflito e poder, separar as questões de luta contra a insegurança das questões que se referem ao desenvolvimento da economia política da segurança, assim como pensar que implantação da segurança do território não está diretamente ligada aos interesses imobiliários, em que a polícia desempenha os papéis de consultor

em investimentos, especialista em segurança e investidor bem-sucedido, na medida em que a população carcerária aumenta (PEDRAZZINI, 2006, p. 115).

O medo da violência é tamanho que os espaços públicos mais frequentados são, na verdade, uma maquiagem para esconder um espaço privado. Esse processo, que Pedrazzini chama de fragmentação de espaços é uma prova da reconfiguração exigida pelas divergências sócio-econômicas entre os integrantes dos espaços urbanos e terão reflexo direto no relacionamento entre pais e filhos, os primeiros reduzindo os ambientes de convivência a fim de reduzir a exposição à violência. Por isso o papel tão importante do quarto dos jovens para a construção identitária dos adolescentes (FEIXA *In* COSTA E SILVA, 2006).

Limitados fisicamente a espaços altamente restritivos, os jovens passam a desenvolver novas estratégias para interagir e permanecer em contato com outros pares, no eterno espetáculo da vida, lutando para ter a identidade reconhecida não apenas por outros jovens, mas, especialmente, pelos adultos, a quem tão incessantemente buscam negar ao mesmo tempo em que tentam atingir às expectativas por eles criadas (situações citadas no capítulo um dessa monografia).

3.4 GALERAS, GANGUES, EQUIPES E BONDES

Entre as formas de sociabilidade entre os jovens, Diógenes (2008) faz uma diferenciação importante entre dois tipos de agrupamentos juvenis em que podem ser classificados os bondes juvenis. Trazendo a reflexão sobre “galera” e “ganguê”, a pesquisadora alerta que se trata de uma fronteira tênue e que facilmente pode ser quebradas no caso de grupos do Rio de Janeiro e de Fortaleza. Em Salvador, apesar da nomenclatura “ganguê” não ser tão usual na sociedade, na forma com que se configuram os encontros dos bondes pode-se facilmente depreender que eles podem ser reconhecidos como tal.

Diógenes coloca que a popularização dos bailes *funk* foi fundamental para a expansão das galeras nas periferias das grandes cidades brasileiras, com a formação de turmas de jovens para a realização de agitos nas áreas urbanas. Quando essas galeras passaram a extrapolar os

ambientes circunscritos para a realização de bailes, “representando os espaços de moradia” como forma de destaque para conquistar o respeito de outras galeras, houve a associação entre essas galeras e a violência (DIÓGENES, 2008).

Movidos pela necessidade de consolidar no grupo a ideia de pertencimento, as turmas de jovens “organizam-se” com o objetivo de deixar marcas territoriais. Essa necessidade de “registro social” no mapa “oficial” é que vai ensejar entre as galeras a mobilização de práticas de violência. (...) Quando as galeras se apresentam como “corpos em evidência”, mobilizados por práticas de violência, as denominadas “guerras de meninos” passam a ser registradas como estratégias de ação de gangues (DIÓGENES, 2008, p. 105).

As distinções, entretanto, não são facilmente percebidas. Na verdade, as diferenças estão no referencial de quem observa e analisa o fenômeno. Os próprios integrantes das galeras e das gangues trazem conceitos de diferenciação não muito claros, conforme depoimentos colhidos por Diógenes (2008, p. 108):

Porque gangue mesmo não é aqui, é só fora mesmo quando a gente vai para uma festa, até os policial considera como gangue. Só fora, porque aqui dentro mesmo não tem (Componente da Galera da Quadra).

Gangue quem chama a gente são os de fora. Gangue quem chama é jornalista, é jornalista quem chama. A gente chama de galera, galera da quadra. Essa ideia de galera não tem essa de ser certinha e a outra não! Galera é galera e quer dizer uma turma de jovens reunida, galera quer dizer reunião de pessoas. Se me perguntarem se é uma gangue? Eu digo, gangue é de padre, é um monte de padre junto, ou uma gangue de polícia que é um monte de policial junto. Só chama a gente de gangue aqueles que têm raiva, aqueles que são otário (Integrante da Galera da Quadra).

O que se percebe é que o modo como são encarados os agrupamentos é fundamental para a sua construção identitária. O “olhar de fora” faz parte das escolhas e das formas de representação escolhidas pelos integrantes do grupo como expressão desses jovens. Os bondes juvenis vão seguir a mesma lógica de raciocínio: se não me reconhecem como um grupo, eu preciso realizar ações que me permitam ser reconhecido. Muito provavelmente essa estratégia seja reflexo da estrutura sócio-econômicas a que estão submetidos e que desejam romper.

Outra justificativa, citada por Diógenes, são os limites entre exclusão social e violência. Para a autora, a juventude, por sua estrutura fragmentada e não totalmente formada, num período de transição entre a infância e a maturidade, é mais susceptível a ausências de referenciais. Tanto que muitos deles buscam esses referenciais nos agrupamentos juvenis que fazem parte.

É como se apesar de serem necessários como referenciais, os adultos devam ser negados enquanto referência, um paradoxo já levantado por Calligaris (2000), citado anteriormente.

Em nenhum outro segmento social o vazio de referentes de autoridade, da lei tem efeito tão direto quanto na vivência juvenil. A ausência de valores sociais balizados por uma ideia de consenso, de constituição de referentes capazes de forjar identidades coletivas, impulsiona jovens de diferentes cidades do mundo às práticas de violência. A condição de pobreza, o sentimento de exclusão, são experiências dolorosas e, embora atuem como anti-referentes, mobilizam a formação de turmas. Na vivência das gangues os anti-referentes positivam-se e induzem um amplo jogo de representações e instituições (DIÓGENES, 1008, p. 163).

A presença dos referenciais entre os próprios jovens leva a condutas compartilhadas, sem uma posição reflexiva diante dessa postura. Criam-se cópias dos referenciais, seja através das condutas, seja através de estilos, de estética, de gírias e comportamentos frente a situações atípicas ou fora de controle. Por isso, grande parte dos jovens reproduz fielmente as características apresentadas pelos grupos de identificação escolhidos para o pertencimento.

No caso dos bondes, percebe-se claramente que as características básicas dos grupos foram herdadas de outros referenciais, a começar pela própria nomenclatura dos agrupamentos, uma clara referência ao funk carioca, que influenciou também a formação das galeras na capital cearense, conforme citado por Diógenes (2008). Outro aspecto importante de como os bondes possuem referenciais predecessores é o tipo de música escutado pelos jovens (no capítulo três há um exemplo), chamado por eles de *stronda* que faz uma mistura entre a batida do funk e as letras faladas do rap.

Além de serem conhecidos como bondes, esses agrupamentos juvenis se auto-denominam “equipes” ou “famílias”, uma outra forma de distinção da nomenclatura “galeras”. A explicação para o uso desses dois nomes não é muito clara e os próprios jovens não sabem se existe alguma diferença. Entretanto, nenhum dos agrupamentos observados no site de redes sociais Orkut apresentou referências a “galeras” ou a “gangues”, possivelmente como forma de proteção e de não associação com as ações violentas realizadas no Rio de Janeiro e em Fortaleza pesquisadas por Diógenes (2008).

O significado do uso dos termos “família” e “equipe” – muitas vezes com grafias diferentes da norma culta da língua portuguesa (ekipe, ekuipe, f4milia, etc.) – permite afirmar que esses agrupamentos juvenis atendem à necessidade dos jovens de pertencer a um grupo de indivíduos que compartilhem as mesmas necessidades e expectativas da vida. É válido

comentar que o termo família seja o mais carregado numa perspectiva semiótica, pois possibilita inferir que os jovens buscam nos bondes uma alternativa para o relacionamento parental, ampliando e estendendo o conceito do que lhes é familiar ou que compõe seu círculo social mais próximo.

Os termos citados por Diógenes não aparecerem como referências diretas dos bondes, porém os aglomerados adotam práticas similares, como as formas de expressão artística e cultural. Ainda que haja a negação de ser uma “galera” ou uma “gangue”, isso não implica dizer que os bondes não utilizem a violência como forma de expressão social. Os exemplos de ações violentas por integrantes desse tipo de agrupamento juvenil puderam ser observados em diversos Estados brasileiros como Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia – as notícias e as referências acerca desse assunto serão citadas no próximo capítulo.

3.5 INTERNET E AMPLIAÇÕES DOS DESLOCAMENTOS NO ESPAÇO URBANO

Para driblar essa enorme quantidade de barreiras a que são submetidos, os jovens buscam outras dinâmicas para a manutenção da necessidade da formação de grupos para a consolidação da identidade desejada. Os atuais jovens têm um suporte diferenciado das gerações anteriores, com a evolução do sistema de comunicações e o aporte da internet como uma nova tecnologia para comunicação em larga escala e também instantânea. “A atual geração de crianças e jovens é a primeira que foi educada em uma sociedade digital: por isso eu a chamo de geração net” (TAPSCOTT, 2000 citado por FEIXA *In* COSTA E SILVA, 2006 p. 86). A geração net ou “geração @”⁵ expressa diversas tendências, entre elas o acesso generalizado às tecnologias de informação (ainda que de maneira disforme), a erosão das fronteiras tradicionais de sexo e gênero e o processo de globalização da cultura.

A “geração @” oferece a alternativa de analisar a juventude através de um elemento comum aos diferentes contextos sócio-econômicos e até mesmo culturais. Essa geração, que convive desde a infância com a internet, instrumentaliza-a como alternativa de sociabilidade, aliada a convivência no ambiente restrito do próprio quarto – os dos ambientes escolhidos pelos pais – e a chance de expandir os horizontes de expectativas, ainda que seja uma geração marcada

⁵ FEIXA, 2006.

pelos medos, “em destaque o ‘medo da morte’ e o ‘medo do futuro’” (NOVAES *In* ALMEIDA E EUGENIO, 2006).

O ambiente virtual passa a ser uma fronteira de convivência que faz parte do dia a dia de cada adolescente ou jovem. Ao receber a permissão dos pais para participar de uma comunidade sem limitações físicas, o jovem utiliza ambientes sintéticos, navegáveis espacialmente através de um avatar e mediados por computador (CASTRONOVA, 2006 *In* RIBEIRO E FALCÃO, 2009). As fronteiras físicas, as barreiras espaciais impostas pela violência, pela sociedade, pelos próprios pais, são então quebradas pelo surgimento de um ambiente novo e sem limitações – pelo menos é dessa forma que a maioria dos adolescentes encara a internet. Nesse ambiente, distante de recomendações parentais em muitos casos, surge uma nova e diferente porta para a sociabilidade.

É válida a lembrança de que as diferenças educacionais entre as gerações é um fator determinante para que haja o distanciamento entre elas. Parte dos jovens com acesso à internet e que participam de agrupamentos juvenis como os bondes são oriundos de classes sociais menos favorecidas economicamente, mas ainda assim, tiveram um tempo maior de acesso à escola e à educação formal que os próprios pais. Esses pais fazem parte do que a imprensa hoje chama de nova classe média, como indicado na matéria “Nova classe média muda mercados”, publicada pelo portal G1.com.br.⁶ Essa “nova” classe social permitirá um maior acesso dos jovens a bens de consumo, com o computador aparecendo entre os principais objetos de desejo.

Há ainda a presença marcante das *lan houses* nas regiões das periferias das grandes cidades, que possibilitam que a população sem acesso ao computador e à internet dentro de casa possa ter acesso às ferramentas e aos suportes disponíveis na grande rede. O fenômeno dos telecentros comunitários no Rio de Janeiro foi estudado por Sorj (2003), mas os dados carecem de atualização, pois é de conhecimento público a importância das *lan houses* no processo de socialização e de democratização do acesso à computadores e à internet – sem levar em consideração a qualidade desse uso. Algumas informações levantadas pelo pesquisador, entretanto, ainda podem ser utilizadas como parâmetros, como, por exemplo, o acesso à internet em telecentros que possuem uma melhor estrutura tecnológica para conexão e ampliam a qualidade do acesso – mesmo que com a cobrança por tempo de acesso.

⁶ Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,AA1578361-9356,00-NOVA+CLASSE+MEDIA+MUDA+MERCADOS.html, acesso em 07 mai. 2010.

Em conversas informais com os integrantes dos bondes juvenis, é possível perceber que um grande número deles já possui acesso à internet dentro da própria residência. Após o aumento da renda de muitas famílias consideradas de baixa renda, foi possível a aquisição de um computador, compartilhado pelos integrantes da família, e que, na visão de muitos populares, será responsável pela inserção no mercado de trabalho.

Noutras palavras, à proporção em que o sistema produtivo se informatiza, a noção de que é necessário dominar este instrumento para assegurar maiores chances de trabalho se “infiltra” rapidamente entre os diversos setores sociais, pois o uso de informática passa a ser visto como condição de obtenção de trabalho e de sucesso escolar (SORJ, 2003, p.6).

Essa noção de que o acesso à informática aumenta as chances de acesso ao mercado de trabalho produz a necessidade de formação mínima que seja para a utilização dessas ferramentas. A formação indicada não é a educação formal, mas o aprendizado de algumas informações básicas sobre a utilização do computador, que, segundo Sorj, foi permitida por um grande número de ONGs, que, apesar de não conseguirem atingir um número grande da população – políticas públicas teriam maior alcance –, conseguiram ampliar significativamente o acesso aos computadores e à internet nas comunidades em que estão inseridas – os dados da pesquisa de Sorj são relativos ao Rio de Janeiro, porém é possível traçar paralelos devido às semelhanças sócio-econômicas entre as comunidades de baixa renda de todo o Brasil.

A qualidade do uso que esses indivíduos fazem ainda não pode ser verificada por estudos acadêmicos sobre o assunto. A própria dinâmica de transformação dos usos – reflexo da velocidade com que novas tecnologias e novos suportes acabam surgindo – impede que a academia consiga absorver essas transformações. O que se pode afirmar é através de análises menos profundas de nichos sociais ou mesmo através da repercussão na imprensa de fenômenos de popularização da internet entre as camadas mais pobres – as *lan houses*, por exemplo, tornaram-se alvo de uma série de reportagens produzida para o programa *Fantástico* da TV Globo. A simples existência desses fenômenos indica que não se pode subjugar-los enquanto elementos da realidade de famílias pobres.

Um número significativo de integrantes de bondes quando perguntado sobre quais os principais usos que fazem da internet cita os sites de rede sociais e as ferramentas de comunicação instantânea como os principais objetivos ao se conectarem à internet. O mais comum entre os sites de redes sociais é o Orkut, que agrega 50,60% de seus usuários no Brasil

e entre as ferramentas de comunicação instantânea destaca-se o MSN Messenger, programa de comunicação instantânea que faz parte do pacote do Microsoft Windows – principal plataforma de acesso aos computadores utilizados pelas populações de baixa renda e também nas *lan houses* e telecentros.⁷

Tais ferramentas serão fundamentais para a expansão e a quebra das fronteiras de sociabilidade para os jovens. Eles irão apropriar-se dessas ferramentas e as utilizarão como um instrumento para atingir objetivos tidos como básicos por seus pares: busca por amigos, namoro e contatos com outros jovens. Antes de entrar em detalhes sobre os usos dessas ferramentas é necessário apresentar algumas informações sobre os sites de redes sociais que, na verdade, são suportes para a integração, mas não o fazem sem a instrumentalização pelos indivíduos.

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais que utilizam essas redes, que constituem essas redes (RECUERO, 2009, p. 104).

Recuero faz ainda a distinção entre sites de redes sociais propriamente ditos como Orkut e Facebook e sites de redes sociais apropriados, que não necessariamente tinham esse fim quando foram criados. A definição de sites de redes sociais indica que é um espaço virtual em que os indivíduos necessitam personificar um avatar ou um perfil e, a partir desse perfil, interagir com outros membros da mesma rede social, seja através da formação de laços fracos – adicionar como amigo -, seja através da participação em comunidades e em discussões sobre os assuntos compartilhados – participação em debates e fóruns existentes em comunidades virtuais. Alguns sites, entretanto, não permitiam inicialmente a formação de um perfil, porém o uso constante e a instrumentalização dos usuários permitiram que fossem considerados como redes sociais apropriadas. Como exemplo, Recuero cita os fotologs, que foram usados por grande parte da população com acesso à internet principalmente entre 2004 e 2007 e que se transformaram em grandes redes sociais. Ao instrumentalizar uma ferramenta disponível na internet como uma rede social, os jovens ganham um novo espaço de sociabilidade e podem exercer suas funções de interação social e expandir fronteiras.

Um ator determinado, por exemplo, poderia assim usar o seu perfil no Orkut para manter contato com amigos distantes, usar o GoogleTalk para conversar trivialidades com os amigos mais próximos e usar seu weblog para discutir

⁷ Disponível em www.orkut.com. Acesso em 10 mai. 2010.

ideias mais elaboradas. Isso mostraria que os sites de redes sociais atuam em planos de sociabilidade, proporcionando que um ator utilize os diversos suportes para construir redes sociais com foco em tipos diferentes de capital social (RECUERO, 2009, p. 106).

Apesar da discussão sobre capital social ser fundamental quando se debate os usos de uma determinada rede social, é importante salientar que o capital social buscado pelos jovens integrantes de bondes é a troca de informações sobre as bandas favoritas, pessoas em comum e sobre experiências compartilhadas, por exemplo.⁸ Ao acompanhar uma conversa em um grupo no programa MSN Messenger no dia 07 de maio de 2010, um dos assuntos abordados pelo grupo foi a eventual gravidez de uma menina de 14 anos que apresentava enjoos e tonturas e que fez o exame de sangue num laboratório para não fazer o teste de farmácia em casa, onde a mãe poderia descobrir o resultado mais facilmente. O registro da conversa não foi anexado para preservar a identidade dos envolvidos.

Partilhando informações como estas, os jovens encontram entre seus pares o apoio necessário para enfrentar situações que eles julgam como complicadas. Além de compartilharem experiências vivenciadas pelos próprios ou por conhecidos. Na mesma conversa, outro jovem comentava sobre a gravidez de uma integrante do bonde e como a família encarou a situação. Uma das conversas, na tarde do domingo 02 de maio, os integrantes do grupo partilhavam informações sobre o jogo Bahia e Vitória, durante a final do campeonato baiano, com brincadeiras e provocações entre torcedores rivais.

A aproximação com as novas tecnologias resulta na apropriação cada vez mais veloz de ferramentas disponíveis na rede mundial de computadores, em algumas oportunidades alterando, inclusive, seus objetivos iniciais e contribuindo para o aperfeiçoamento de sistemas e programas. O modelo de internet colaborativa, ou web 2.0 na definição de pesquisadores da área de tecnologia da informação, permite que o espaço virtual deixe de ser apenas um instrumento simples para uma grande oportunidade como local de sociabilidade juvenil. As grandes redes sociais como Orkut, Facebook e Twitter, permitem que os agrupamentos juvenis que surgiam em ambientes públicos passem a se organizar através da internet, provocando o movimento de sociabilidade do virtual para o real, fronteira já quebrada com os *chats* e que agora surge como um viés para a utilização das ferramentas da web.

⁸ O termo “capital social” é uma referência direta à utilização dos relacionamentos dentro de uma rede social para a capitalização ou o benefício próprio, seja ele econômico ou através do aporte de visibilidade, por exemplo.

Essas ferramentas passam a ser utilizadas para a difusão do que Recuero (2009) chama de dois tipos de capital social, o relacional e o cognitivo. O primeiro refere-se ao compartilhamento de informações íntimas e pessoais que trabalharão para fortalecer os laços fortes de uma rede social e que, de alguma forma, poderão ser visualizados por membros da mesma rede social e que compartilham laços fracos de relacionamento. A pesquisadora cita o caso da “maldição do coelho Frank”, que circulou nos fotologs e atingiu um grande número de pessoas que integravam essa rede social, mas que não necessariamente compartilhavam laços fortes. Inicialmente, a “maldição” ficou restrita a indivíduos que apresentavam laços fortes de relacionamento, mas como se espalhou rapidamente, atingiu outros níveis da rede social e nós mais distantes. No caso do capital social cognitivo, refere-se ao compartilhamento de informações sobre um assunto de interesse comum e que apesar de possuir um alcance grande numa determinada rede, fica limitada a poucas citações, pois o caráter impessoal aplicaria uma repetição de informações, não tão bem-visto entre os integrantes de redes sociais.

Dessa forma, percebe-se que o ambiente virtual e suas vicissitudes foram apropriados pelos diversos segmentos sociais como uma maneira de expandir a sociabilidade, mantendo contato com pessoas que estão próximas e pessoas que estão distantes, reduzindo as separações físicas de espaço. Ou seja, apesar de espacialmente dispostas em endereços físicos diferentes, os indivíduos passam a compartilhar, no mundo virtual, um espaço comum, em que podem dividir, relatar e relembrar experiências compartilhadas no passado e no presente. Os jovens, limitados pelas barreiras parentais impostas por situações como o aumento contínuo da violência, passam a utilizar o ambiente virtual como uma área protegida para a sociabilidade, fazendo com que agrupamentos surjam nesse ambiente e sejam estendidos ao ambiente real. São as novas formas de expandir as fronteiras de sociabilidade de que esse trabalho fala, saindo da periferia para os centros urbanos.

4. CAPÍTULO TRÊS - JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR: OS BONDES

Timidamente noticiados pelos jornais de grande circulação em Salvador – a única referência encontrada pelo autor do trabalho refere-se a ação de um agrupamento juvenil na Loja C&A no Salvador Shopping em dezembro de 2009, que foi citada apenas como uma briga entre grupos rivais -, a capital baiana faz parte de um circuito de cidades em que jovens da chamada nova classe média utilizam sites de redes sociais e programas de comunicação instantânea para transpor os limites físicos impostos pelo aumento crescente da violência, elaborando novas estratégias para conviver.⁹ Trata-se de uma importante alternativa para a formação de processos de sociabilidade, fundamental para as definições do jovem enquanto ser social, restritos a espaços cada vez mais reduzidos.

Participar de um bairro, de um grupo, de um animal emblemático, de um guru, de uma equipe de futebol, ou de um chefe local. Trata-se de uma forma de clientelismo em que a hierarquia é retomada. “Somos” de um lugar, de um bando, ou de um personagem local que, por isso, se transforma em herói epônimo (MAFFESOLI, 2006, p. 195).

Essa necessidade de formar grupos, discutida no capítulo dois, é importante para se entender o funcionamento do fenômeno social que está sendo apresentado. Jovens que compartilham interesses comuns optam por fazer parte de agrupamentos em que seus pares tenham experiências semelhantes e que possuem uma configuração estética que possa identificá-los enquanto indivíduos integrantes de um determinado agrupamento, mas que também possa questionar estruturas estabelecidas pelas figuras parentais. Esses jovens partilham muito mais que hábitos e experiências. Eles possuem uma cultura “própria” – as aspas cabem por se notar que, na maioria dos casos, trata-se de apropriações de elementos das diversas culturas – e tentam, de alguma forma, ser reconhecidos como integrantes de um agrupamento.

Em 03 de outubro de 2008, o portal estadao.com.br divulgou a formação de “bondes” ou “famílias” de jovens em São Paulo com centenas de membros e que, mesmo diante de acusações da população, negam ser violentas. No Sudeste, “ao ritmo de funk, fotos de adolescentes e crianças são exibidas para apresentar os membros. Cada um possui uma função e são, geralmente, tratados por apelidos. As fotos são em pose de ameaça no estilo hip-hop. Os meninos portam bonés; as meninas, óculos escuros”.¹⁰

⁹ Portal www.atarde.com.br, acesso em 11 mai. 2010.

¹⁰ Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20081003/not_imp252619,0.php, acesso em 26 jun. 2009.

Temos, em minha opinião, um movimento em que emergem jovens que adotam estilos de vida específicos e que assinalam para uma transformação das subjetividades, nas quais a mediação eletrônica e o trabalho da imaginação passam a ocupar doravante um papel extremamente importante (COSTA E SILVA, 2006 p.17).

Os agrupamentos a que se refere a notícia do portal estadao.com.br estão, na verdade, presentes em muitos centros urbanos espalhados por todo o Brasil. Os bondes, como são conhecidos, trazem uma referência direta ao estilo musical popular no Rio de Janeiro, o funk, que traz os elementos e as batidas que dão origem ao que os jovens chamam de estilo stronda. Em uma análise superficial, sem levar em consideração um aprofundamento das características e elementos sonoros, as músicas do Bonde do Stronda e Bonde das Cocotas, duas das principais referências musicais dos jovens desses agrupamentos, fazem a junção entre a batida do funk carioca e as letras quase sempre faladas do hip hop e as letras incorporam a linguagem coloquial utilizada na internet para se comunicar. Algumas gírias inclusive só são traduzíveis pelos integrantes dos bondes, que utilizam essa forma de comunicação como uma forma de excluir aqueles que não participam da mesma cultura.

S.T.R.O.N.D.A Bonde da Stronda

Composição: Mr.Thug , Mc Lipy & Mc Tonzim

Mc Lipy , Mr.Thug , Mc Tonzim

Mc Lipy:

Essa ocupação não foi eu que escolhi
foi designada a mim no dia em que nasci,
Deus sempre diz a todos desce e arrasa,
comigo foi diferente, desse e stronda a mulherada,
sem preocupação pra descansada, eu tô na sacanagem ,
playsson cafetão desde 6 anos de idade, bucetero declarado,
strondo elas o dia inteiro, deportado do Egito o verdadeiro sheik brasileiro,
viver pra elas é doutrina aconselhada te degustei vestida
agora eu vou te comer pelada, essa levada é só pra quem tem sangue sem
cor,
sem sentimento fazendo elas sentirem dor, porque eu sempre vou dizer o que
ninguém quer ouvir, eu nem falo oi ela começa a se despir, definirei pra você
o verdadeiro P. I. M. P., vulgarizado pelo nome Mc Lipy;
Fala Mr. Thug leva agora que eu tô cansado!

Mr.Thug:

Demoro Lipy deixa que eu levo agora! Os finais de semana são os dias
sagrados,
os verdadeiros playssons sempre saem farpados, a beleza é um atalho pra
mente
feminina mais o meu desenrolo você não aprendeu na esquina, tão dizendo
por ai que essa moda vai acabar, até o sonho do invejoso então manda ele
sonhar,

nem o apocalipse é capaz de derrubar, playssonzada de raiz os verdadeiros vem pra cá, se na rua são vocês, com as mulheres somos nós, e no celular dela tu só escuta a minha voz, tá ficando puto eu tô te irritando, lisura é assim mesmo vai se acostumando, o Criador que disse e ninguém se mete, aqui é o Mr. Thug, tu pega uma eu pego dezessete, sangue do meu sangue, malandro e guerreiro, playsson de raiz, playsson verdadeiro; Fala Tonzim, assume ae!

Mc Tonzim:

Coé Mr. Thug, deixa comigo agora, Tonzim na área cumpadi! Minha estratégia é essa, e eu te faço entender, domina sua mente conquistou sua xxt, sei que é do seu interesse, você ama idolatrar, estilo playsson que domina e todas querem pegar.

Não tenho carro envenenado nem a melhor voz, não sou o foda nem um dos Back Street Boys, mais no meu taco eu confio, o que eu faço me garanto, prometo não ser tarado mais também não vou ser santo, têm pela saco que de inveja, vive se roendo, se peguei sua mulher, foi mal eu só lamento, quer ver quem pega mais? Sua derrota é meu efeito, disputar com você nem rola, tu é café-com-leite. Alucinadamente você fica estático, de porrada de rima agora é tiro rimático, a Stronda Music se expandiu pelo Brasil, agora sente a pressão do som que tu nunca sentiu.

Termos como neologismo *playsson* e *cocota*, utilizado por gerações anteriores, fazem parte do universo desses jovens e referem-se aos integrantes do sexo masculino (*playsson*) e feminino (*cocotas*). No caso específico de Salvador, os *playssons* usam bermuda de praia, jaqueta de moletom com zíper aberto até a metade e boné de aba reta. São adeptos ainda do bling bling, o estilo adotado por cantores de hip hop e popularizado por astros do futebol como Ronaldinho Gaúcho, em que grandes correntes com medalhões prateados proporcionais são pendurados no pescoço – em alguns casos, são adotados brincos nas orelhas. No caso das mulheres, algumas utilizam os bonés de aba reta, mas as principais características do visual ficam na jaqueta de moletom com zíper aberto até a metade e na tentativa de utilizar um visual provocativo para os garotos que integram os bondes, sempre abusando de roupas curtas como micro shorts, micro saias e tops.

As características das indumentárias e das apropriações indicadas são referências claras ao indicado no capítulo dois com a teoria dos papéis. Ao atuar como um ser social que compartilha experiências e valores com outros integrantes de uma mesma classe etária ou sócio-econômica, os integrantes dos bondes obtém – ou tentam obter – o reconhecimento de um personagem – ou de um status – enquanto incluído em um determinado agrupamento. Com um papel definido ou determinado, os jovens alcançam aquilo que almejam: a visibilidade enquanto indivíduo participante da sociedade.

A nomenclatura “Mc” é outra apropriação do funk carioca que se apropriou do termo a partir do hip hop. É utilizada para identificar os cantores, que quase sempre possuem um apelido. A música, além de ser praticamente falada, possui ainda elementos de uma cultura popular e incorpora termos como *bucetada* e *xxt*, considerados de baixo calão pelo restante da sociedade, como elementos de sua música – o objetivo de apresentar uma das letras foi permitir que tais características sejam visualizadas. Além dos termos já apresentados, outro bem comum é “farpação”, utilizado como sinônimo de curtição e como o momento de encontro entre os integrantes de um determinado bonde. Nas comunidades referentes a bondes em Salvador no site de redes sociais Orkut é comum aparecer nos tópicos e nos eventos uma “farpação” entre membros do bonde ou até mesmo entre bondes, expandindo ainda mais as fronteiras de sociabilidade iniciada pela internet.

É importante indicar que, parte desses jovens, utilizam o acesso à internet por meio das chamadas *lan-houses*, garagens de casas ou espaços modificados em que computadores são montados em pequenas redes com acesso compartilhado à web e, em alguns casos, disponibilidade de jogos de computador que necessitam de uma pequena rede para serem jogados – em especial jogos no estilo RPG. A utilização das *lan-houses*, entretanto, está sendo substituída pelo grande número de famílias com acesso à crédito financeiro que permite a aquisição de computadores e acessórios com parcelamentos num prazo maior. Deve-se comentar também a expansão da rede de comunicação, com o aumento da oferta de linhas telefônicas e uma consequente melhoria da qualidade dos serviços oferecidos, que passam a incluir promoções combinadas com acesso à internet.

Uma considerável parcela dos integrantes desses agrupamentos apresenta menos de 18 anos, porém aparentemente a idade não é critério seletivo para participar de um bonde. Como grupo verificado por este trabalho, foi identificado que existem integrantes com idades que variam de 14 até os 24 anos, que dividem experiências de vida muito parecidas – em especial as realidades sócio-econômicas compartilhadas pelas famílias – pobres da periferia que participam intensamente do aquecimento da economia brasileira, aumentando o poder de consumo das famílias. Pesquisas em comunidades do site de redes sociais Orkut permitem verificar que, na maioria dos casos, os jovens integrantes de bondes fazem parte da nova classe média que moram em bairros periféricos das grandes cidades, normalmente controladas pelo tráfico de drogas. Em conversas através de um grupo no programa MSN Messenger, um integrante de bonde indicou não poder manter contato com outro devido a problemas relacionados ao tráfico entre dois bairros: Engenho Velho de Brotas e São Caetano. A

justificativa apresentada pelo jovem era evitar qualquer tipo de constrangimento ou violência. O resultado prático disso é que os locais que foram utilizados pelas gerações anteriores para a sociabilidade – praças e parques nos bairros – são motivo de conflito entre facções de traficantes rivais. Esses agrupamentos passam, então, a buscar outras formas de sociabilidade, como utilizar as ferramentas de internet para dividir problemas e situações do cotidiano que os afetam.

Esses grupos, em Salvador, surgem em comunidades no site de redes sociais Orkut como “BoNdEs SaLvAdOr ShOpPiNg”, com 2263 membros, e as utilizam como um suporte para o início de relações sociais, que começam com laços fracos, com o simples “Adicionar como amigo” e podem se estender para relações mais fortes, que transpõem o ambiente virtual e passam a existir em ambientes físicos.¹¹ Os fóruns dessas comunidades servem como ponto de partida para identificar os interesses compartilhados pelos integrantes e quais suas expectativas com relação aos outros. Isso pode ser observado com tópicos como “da 1 fikada ou 1 fakada” (sic) e “→ Fikaria com a pessoa acima?” (sic), disponíveis na comunidade citada. As respostas a esses fóruns servem como momento inicial para o início de um relacionamento fora do site de redes sociais e, para fazê-lo, é preciso que seja utilizado um espaço compartilhado por outras pessoas e que tenham acesso facilitado para os participantes da relação. É nesse momento que ambientes de sociabilidade já inscritos no contexto sócio-econômico da classe média urbana surgem como principal local para a efetivação do processo de sociabilidade iniciado no ambiente virtual: os shoppings centers.

Para lhe atribuir a devida importância em uma análise sociológica, vale pensar que o shopping center, um lugar de circulação de mercadorias, está, cada vez mais, tornando-se o local: a) de busca de realização pessoal pela felicidade do consumo; b) de identificação – ou não – com os grupos sociais; c) de segregação mascarada pelo imperativo de segurança; d) de enfraquecimento das atuações dos seres sociais e fortalecimento da atuação dos consumidores; e) de materialização dos sentimentos; f) de manipulação das consciências; g) da homogeneização dos gestos, dos pensamentos e dos desejos, e o mais grave, h) de ocupação quase integral do “tempo livre” das pessoas (a televisão parece ser a concorrente mais forte) (PADILHA, 2006 p. 47).

Utilizados como espaços de referência para a sociabilidade, os shopping centers passam a ocupar local de destaque na transposição das relações do ambiente virtual para o real. O número de membros da comunidade relativa aos “bondes do Salvador Shopping” são um

¹¹ Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=32834069>, acesso em 28 abr. 2010.

exemplo claro de como os jovens utilizam esse espaço privado transformado em público. Além do citado centro comercial, o Shopping Iguatemi é um dos principais destinos dos bondes. Como destacado por Padilha, esses espaços funcionam para manutenção de uma segregação social disfarçada pelo ambiente seguro. O ambiente seguro a que se refere a autora é reflexo da situação eminente de medo, compartilhado por todas as gerações que vivem nos grandes centros urbanos hoje. O alarmante crescimento da violência é talvez uma das principais justificativas para que os centros de consumo sejam transformados em ambiente “públicos” mais seguros para o entretenimento e lazer. Ao partilhar um espaço como os shopping centers, repletos de segurança e com certa segregação social, as famílias sentem-se seguras. Mesmo que os jovens estejam desacompanhados, o espaço é considerado seguro para que possam estar sem a presença dos pais ou responsáveis.

Buscando fugir dos aspectos negativos dos centros das cidades, os shopping centers aparecem como locais próprios para uma melhor “qualidade de vida”, por possuírem ruas cobertas, iluminadas, limpas e seguras; praças, fontes, bulevares recriados; cinemas e atrações prontas e relativamente fáceis de ser adquiridas – ao menos para os que podem pagar (PADILHA, 2006, p. 188).

A segregação social construída pela sistemática dos shoppings talvez seja outro ponto cabível de discussão dentro do fenômeno dos bondes. Essa pode ser uma das justificativas para que boa parte dos bondes encontrados na capital baiana esteja relacionada a bairros periféricos ou populares que passam a frequentar os shoppings como uma maneira de questionar a norma vigente de que aquele espaço está destinado aos consumidores em potencial e não para agrupamentos sem objetivos capitalistas. Através dos bondes, esses jovens discutem – questionam talvez seja a palavra mais adequada – as diferenças sociais e econômicas estabelecidas por esses ambientes “pseudo-públicos”.

Ocorre o deslocamento no espaço urbano das camadas menos abastadas da sociedade para que possam dividir o espaço com as classes consideradas como consumidoras ativas pela direção dos shopping centers. Trata-se da reordenação desse espaço de sociabilidade, através, principalmente, na manifestação da existência desses indivíduos enquanto grupos sociais, buscando o reconhecimento das demais parcelas da sociedade. Ao compartilhar os mesmos ambientes das parcelas da população com maior poder aquisitivo, os jovens da periferia deixam de apenas coexistir num mesmo centro urbano para dividir o espaço com aqueles que, indubitavelmente, permitem a segregação social através dos locais de frequência e consumo. Um grande diferencial desse fenômeno juvenil – talvez o maior deles – é o deslocamento dos

integrantes dos jovens da periferia para os centros de consumo. Não se trata, entretanto, do deslocamento físico apenas, mas principalmente do deslocamento de comportamento que quebra – ou tenta quebrar – as expectativas do restante da população frente a esses jovens.

Os integrantes dos bondes vão, na realidade, utilizar os shoppings centers como uma vitrine da forma como eles gostariam de ser reconhecidos pela sociedade. Ao se apresentar nesse tipo de ambiente, eles garantem que sejam visualizados enquanto seres sociais, longe da invisibilidade imposta por outras camadas sociais. A visibilidade almejada é reflexo do questionamento dos limites impostos pelas condições sócio-econômicas a que pertencem, uma forma de interagir com o mundo – ainda que negando suas regras. Mesmo apresentando-se com características semelhantes e reunidas em grupos, esses indivíduos continuam invisíveis para grande parte da população e para os principais veículos de imprensa da capital baiana, pois como se pode observar, apenas uma matéria jornalística fez referência a existência dos agrupamentos juvenis, sem citar informações detalhadas ou o nome dos grupos envolvidos.

O que não justifica, entretanto, uma associação natural entre sociabilidade juvenil e violência. Uma reportagem do Jornal da Facom nº 15, primeira publicação a falar sobre os bondes em Salvador, verificou que os aglomerados que atuam no shopping Iguatemi são relacionados a atos de vandalismo nas tardes de sábado, gerando constrangimentos para lojistas e clientes. Além do portal do Estadão, outros veículos de imprensa do Sul e do Sudeste brasileiro divulgaram a atuação de grupos semelhantes nos centros urbanos como o jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul, e a publicação paulista Folha Online (ligado ao grupo Folha de S. Paulo).

É preciso retomar as origens do uso da nomenclatura bonde para esses agrupamentos juvenis. Tal associação surge a partir dos grupos de *funk* carioca, notadamente fonte para outros jargões e para a linguagem peculiar utilizada pelos jovens. Inclusive ocorre a adoção de uma escrita divergente dos padrões da norma culta e até mesmo informal do português. Qualquer uma das comunidades virtuais visitadas apresenta diferentes formas de grafia de termos e de expressões. Também conhecidos como “famílias”, os bondes são semelhantes a grupos que atuaram na classe média e alta paulistana na década de 1980, como a “Turma do Barão” e a “Barra Funda” (SILVA, 2006). As turmas paulistanas, consideradas como gangues, vivenciavam uma cultura marginal, avessa aos limites estabelecidos pelo modelo de sociedade vigente na época, assim como pode ser observado entre os bondes soteropolitanos.

O shopping center, além de ser utilizado como espaço para sociabilidade juvenil, passa a servir também para auto-afirmação dos integrantes dos bondes, inclusive quando ocorre o

encontro entre grupos rivais, resultando em brigas e atos de vandalismo. O reflexo é a construção de uma identidade marcada pelas características dos grupos e pela negação de um ordenamento imposto pela direção do shopping e pela norma social vigente.

5. CONCLUSÃO

Ao formar grupos como os bondes, os jovens buscam a construção de uma identidade própria e, ao mesmo tempo, compartilhada com outros pares. O espaço de formação desses aglomerados merece destaque, pois a emergência de novas tecnologias de informação permitiu a expansão das fronteiras de sociabilidade, especialmente através de sites de redes sociais e ferramentas de comunicação instantânea. Nascidos num ambiente virtual, os bondes reúnem-se em espaços físicos público-privados, questionando a ordem social vigente e a segregação entre a periferia e centros urbanos.

Os shoppings centers, local de lazer e compras para as classes média e alta dos grandes centros urbanos, tornam-se referências para esse questionamento. Apesar de não serem considerados consumidores ativos nos parâmetros indicados pelos próprios centros comerciais, os jovens da periferia utilizam os shoppings como espaço de construção identitária e, ao frequentá-los, deslocam as fronteiras de sociabilidade impostas pela sociedade aos contextos sócio-econômicos em que estão inseridos.

Essa identidade construída é reflexo da necessidade de interpretação de um papel enquanto ser social, com representações de gênero, cor da pele e endereço, por exemplo. O sentimento de pertencimento, fundamental para a edificação de laços entre agrupamentos, vem da partilha de interesses, hábitos e uma cultura particular, mas que não passa da reprodução ou da junção de características de outras culturas, especialmente as marginais. Os próprios nomes e significados são resultado da incorporação de características do movimento do *funk* carioca.

Os bondes funcionam como uma tribo urbana, citando o termo utilizado por Maffesoli (2006). Dividem experiências e compartilham medos, numa tentativa de serem reconhecidos enquanto um agrupamento social, com signos de reconhecimento específicos e com poder de obter a visibilidade dentro de uma norma social pré-estabelecida e que impede que os integrantes dos bondes sejam notados ou observados enquanto um fenômeno social questionador dos ditames da sociedade. Os bondes seriam uma vitrine da maneira como os jovens gostariam de ser reconhecidos.

Como se pode observar, tratam-se de projeções do “eu” sob a perspectiva de atender ao horizonte de expectativa criado para a ideia de “ser jovem”. Ao incorporar elementos e características partilhadas com outros, os jovens dos bondes consideram-se incluídos

socialmente e integrados a um sistema social que, por natureza, tende a ser excludente. Os interesses comuns, como a música do *stronda* e a moda *bling-bling*, funcionam como aspectos fundamentais para socialização desses garotos e garotas, que vêm nos bondes uma alternativa para a inserção num círculo social.

O desenvolvimento desse trabalho permitiu afirmar que os bondes funcionam também como substitutos das figuras parentais, que impelidos pelas exigências do mercado de trabalho e do contexto sócio-econômico são obrigados a permanecer cada vez menos tempo com os filhos. O termo *família*, utilizado como alternativa para bonde, possibilita a inferência de que esses jovens buscam relacionamentos semelhantes aos que deveriam ser vivenciados no núcleo familiar tradicional, com pais, mães e irmãos. Parte dos integrantes dos agrupamentos, inclusive, utilizam os bondes como válvula de escape para dividir experiências que não seriam facilmente compartilhadas com os pais, como, por exemplo, a dúvida da garota de 14 anos sobre a gravidez, relatada no capítulo três.

As ações que questionam as normas sociais vigentes, como o enfrentamento entre bondes rivais em espaços compartilhados e a ocupação do espaço público-privado dos shoppings centers, permitem traçar paralelos entre os bondes e outros agrupamentos juvenis como as galeras e as gangues, citadas por Diógenes (2008). Tais paralelos, apesar de negados com certa veemência pela própria nomenclatura, servem como uma eventual justificativa para a existência de brigas, depredação e vandalismo entre os integrantes dos aglomerados juvenis. A comparação torna-se um processo natural a partir da leitura da literatura que trata de gangues e galeras e da observação empírica das atividades desenvolvidas pelos bondes.

Talvez o grande diferencial para os meninos e meninas da periferia que participam dos bondes seja a utilização das ferramentas de comunicação disponíveis na internet. O alcance de uma mensagem postada numa comunidade no site de redes sociais Orkut, por exemplo, ultrapassa os limites do bairro do autor e pode atingir outras regiões dos grandes centros urbanos. Os encontros dos bondes, marcados através dessas comunidades, reúnem algumas centenas de integrantes dos mais diversos bondes e vindos de diferentes bairros de Salvador. As limitações dos bairros são observadas, entretanto, quando há disputa entre grupos ligados ao tráfico de drogas. Os territórios e as zonas de atuação de traficantes são conhecidas e respeitadas pelos integrantes dos bondes, uma forma de auto-proteção e auto-preservação dentro da realidade sócio-econômica em que estão inseridos.

Os jovens dos bondes, na realidade, instrumentalizam as tecnologias de informação disponíveis para a expansão das fronteiras de sociabilidade. Ao utilizarem a internet como espaço de encontro, os integrantes dos agrupamentos se apropriam das ferramentas para tornar possível a sociabilidade no ambiente real. E os espaços dos shoppings centers são os escolhidos pela sensação de segurança acompanhada pela possibilidade de questionar as razões pelas quais há a segregação entre periferia e os centros comerciais urbanos.

Em resumo, a existência dos bondes enquanto um fenômeno social juvenil funciona como uma tentativa do deslocamento das fronteiras invisíveis entre pobres e ricos, entre detentores do capital econômico e aqueles excluídos do mercado consumidor. Indo ao shopping, os garotos da periferia tentam projetar aquilo que eles gostariam de ser: reconhecidos socialmente enquanto atores do espetáculo do cotidiano.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (org). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noite nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

CALLIGARIS, Contardo. **Folha Explica: A Adolescência**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

COSTA, Márcia Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da (org). **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. 1ª ed. São Paulo: Educ, 2006.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2008.

ETCHICHURY, Carlos. Vídeo na internet com cenas íntimas de crianças abala Ibirubá - Cenas de sexo entre menina e adolescente circulam em sites. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 mar. 2009. Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?newsID=a2443409.htm&tab=00014&uf=1>>. Acesso em: 02 mai.2010

FRAGOSO, Suely. **Espaço, ciberespaço, hiperespaço**; Textos de Comunicação e Cultura nº 42. Salvador: UFBA, 2000.

G1.COM.BR. Nova classe média muda mercados. **G1**, 03 mar. 2007. Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,AA1578361-9356,00-NOVA+CLASSE+MEDIA+MUDA+MERCADOS.html. Acesso em: 07 mai. 2010.

GÓES, Mariele; CALDAS, Savana; RAMOS, Vanessa. Arrastando o bonde - Jovens de diversos bairros escolhem o Shopping Iguatemi como arena de luta e ponto de encontro. **Jornal da Facom nº 15**, Salvador, abril de 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 3ª. Ed. Alínea – Campinas, SP.

IWANCOW, Ana Elisabeth. **A cultura do consumo e o adulescente**. Intercom, 2005. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2017-1.pdf>> Acesso em: 14 mai. 2010.

JOZINO, Josmar. Gangues marcam briga na rua e 113 são detidos – Rivais portavam pedaços de pau e correntes e entraram em confronto com GCMs e policiais militares; uma pessoa teve ferimentos leves. **Estadao.com.br**, São Paulo, 27 mar. 2009. Estadão de hoje – MetrÓpole. Disponível em <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090327/not_imp345546.0.php>. Acesso em 29 jun. 2009.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas; SANTANA, Isnaia Veiga. **Manual de estilo acadêmico**. Monografias, dissertações e teses. 4. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2008.

KEEN, Andrew. **O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KEHL, Maria Rita. **Juventude: A patria órfã**. 1ª ed. São Paulo: Olhos d'Água, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4ª ed. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARY, Aurelie. **The Emergence of a New Developmental Stage: “Twenhood”?**. Disponível em <<http://tampub.uta.fi/childhood/951-44-6654-3.pdf#page=48>> Acesso em: 14 mai. 2010.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Quem tem medo da geração shopping center? Uma abordagem psicossocial**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2005.

OLIVEIRA, Meire. Briga causa correria em shopping. **ATarde.com.br**, Salvador, 26 dez. 2009. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=1322275>. Acesso em: 11 mai. 2010.

ORKUT. Comunidade **BoNdEs SaLvAdOr ShOpPiNg**. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=32834069>>. Acesso em: 26 jun. 2009

PADILHA, Valquíria. **Shopping Center – a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PEDRAZZINI, Yves. **A Violência nas Cidades**. Tradução: Giselle Unit. Petrópolis: Vozes, 2006.

POLÍCIA mapeia bondes virtuais. **Zero Hora**, Porto Alegre, 13 abr. 2008. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a1826764.xml&template=3898.dwt&edition=9652§ion=807>>. Acesso em: 29 jun. 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **Teoria das redes e redes sociais na internet: considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs**. 2004. Disponível em <<http://www.midiadigitais.org/wp-content/uploads/2008/08/r0625-1.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2010.

RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago. “**Mundos virtuais**” e **identidade social: processos de formação e mediação através da “lógica do jogo”**. São Paulo: 2008. Disponível em <http://realidadesintetica.com/pdfs/falcao_abciber2008.pdf>. Acesso em: 14 mai.2010.

ROCHA, Carolina. Polícia tenta deter ação dos “bondes” – Adolescentes promovem assaltos, brigas, pichações e arrastões em Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, 04 mar. 2008. Disponível em <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&newsID=a2159584.xml>>. Acesso em: 26 jun. 2009.

RODRIGUES, Artur; ALVES, Adriana. Gangues se espalham por escolas de São Paulo. **Folha Online**, São Paulo, 04 out. 2008. Agora. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u452168.shtml>>. Acesso em: 29 jun. 2009.

SAVAGE, Joe. **A Criação da Juventude: Como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX**. Tradução: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. 2º edição. Porto Alegre: Sulina: Edipucrs, 2006.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. **Exclusão Digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <http://www.bernardosorj.com.br/pdf/exclusaodigital_problemasconceituais.PDF>. Acesso em 14 mai. 2010.

SPINOSA, Marcela. Zona Norte tem “bondes” estudantis – Jovens de São Paulo formam famílias uniformizadas com centenas de membros, mas negam ser violentas. **Estadao.com.br**, São Paulo, 03 out. 2008. *Metrópole*, *Jornal da Tarde*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20081003/not_imp252619,0.php>. Acesso em 29 jun. 2009.

VELOSO, Bruno Fortini; TEIXEIRA, Nayara Carla. **Adultescentes: nostalgia na lógica de consumo**. Natal: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em < www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1855-1.pdf> Acesso em: 14 mai. 2010.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.